

# Assim falou o objeto: “pra que serve essa pesquisa?”

Edvalter Becker Holz

## INTRODUÇÃO

O financiamento do tempo de pesquisa para um professor universitário pode significar menos uma enfermeira na assistência médica ou um professor a menos na escola primária (ALVESSON, 2013, p. 87, tradução minha).

Busquei, na medida do possível, fazer deste artigo a materialização da ideia central que ele irá tentar fixar: a necessidade de vivenciar o dispositivo dinâmico de três polos, mais do que dispor dele de modo textual. Assim, para defender esta ideia, resgatei saberes acadêmicos, resgatei uma experiência, exerci a reflexividade, e tentei colocar em diálogo esses três diferentes recursos, antes de algum modo polarizados. Sobre as potencialidades inantecipáveis que se



abriram depois de muitos atravessamentos, é possível que agora, ao final do trabalho de escrita, sejam organizadas da seguinte maneira.

Na segunda seção, após esta introdução, resgato discussões-chave que têm transformado as concepções de pesquisa qualitativa em estudos organizacionais (EO) ao longo das últimas décadas. São elas: critérios de qualidade específicos do qualitativo; pluralismo de orientações; crise da noção de verdade; reflexividade; realização da pesquisa qualitativa como ofício, e não como técnica; contestação de posicionamentos paradigmáticos; e impacto social. A partir desse resgate, ofereço alguns *insights* a respeito de possíveis demandas, senão imperativos, que doravante e cada vez com mais veemência, farão parte do cotidiano de quem se dedica à prática de pesquisa qualitativa em EO, em especial da geração de pesquisadores atualmente em formação.

Na terceira seção, resgato discussões-chave para a pesquisa qualitativa em estudos organizacionais e para a ergologia. O objetivo é principalmente contribuir com os *Diálogos sobre o Trabalho Humano*, na sua interface com EO, respondendo à seguinte questão: por que e de que modos a ergologia, como abordagem teórico-metodológica, pode contribuir para a prática da pesquisa qualitativa em estudos organizacionais? Ofereço algumas respostas, sumariadas nas seguintes demandas comuns a ambos: recolocar o trabalho em foco;

reescrever o trabalho; analisar o que e como as pessoas fazem enquanto trabalham; romper barreiras disciplinares; e exercer a reflexividade.

Na quarta seção, aprofundo-me no uso da ergologia como abordagem teórico-metodológica e coloco mais diretamente a questão problemática que é o uso do dispositivo dinâmico de três polos (DD3P) de modo predominantemente teórico/conceitual, e abordo a necessidade e possibilidade de vivenciá-lo. Para mostrar essa possibilidade e exemplificá-la empiricamente, apresento uma análise reflexiva de uma experiência de pesquisa de abordagem ergológica no campo de estudos organizacionais, a partir da qual coloco algumas proposições.

Nas quinta e sexta seções, respectivamente, discuto implicações para a abordagem ergológica e para a pesquisa qualitativa em estudos organizacionais. Para a primeira, as principais ideias que defendo são: é preciso vivenciar para dialogar; é preciso transitar para desestabilizar. E, para a segunda: é preciso que o pesquisador se atente para sua própria *inatenção*; é preciso investigar a partir de posicionamentos fluidos em bifurcações identitárias.

Nas considerações finais retomo os pontos centrais das segunda e terceira seções, bem como os *insights* e as respostas que ofereci, ressaltando os principais atravessamentos gerados e, por fim, destaco algumas justificativas para a

necessidade de recolarmos, constantemente, a seguinte pergunta: para que (e a quem) servem nossas pesquisas?

## A PESQUISA QUALITATIVA EM ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: DA TÉCNICA AO OFÍCIO

A pesquisa qualitativa tem sido tópicos de debates que levaram a importantes modificações no modo como ela é concebida e praticada no campo de Estudos Organizacionais, pelo menos desde a década de 1980. De Guba e Lincoln (1985) a Alvesson (2013), foram muitas as críticas e proposições que emergiram na batalha de desvinculação da replicabilidade técnica e elevação do *status*, autonomia, qualidade e impacto desta atividade, hoje amplamente reconhecida como essencial não apenas para o ensino a respeito das organizações, mas também para melhorias sociais em geral.

### Qualidades do qualitativo

Uma das primeiras grandes vitórias é a noção de que a aplicação, à pesquisa qualitativa, de critérios tradicionais de pesquisa quantitativa, como generalização, objetividade e confiabilidade, é algo ilegítimo. Colocada inicialmente por Lincoln e Guba (1985), a questão estendeu-se por alguns anos e essa vitória foi o resultado de discussões acerca de critérios específicos para

pesquisas qualitativas que firmaram conceitos como transferibilidade (LINCOLN; GUBA, 1985), validade catalítica (LATHER, 1986), conhecimento tácito (ALTHEIDE; JOHNSON, 1994), cristalização (RICHARDSON, 2000), validade empática (DADDS, 2008), dentre outros que tornaram possível pensar e avaliar as qualidades do qualitativo fora dos domínios do saber quantitativo.

Mais recentemente, algumas discussões (TRACY; RIVERA, 2010; TRACY; SCOTT, 2006) têm abordado a complexidade do processo de elaboração de critérios, tendo em vista o complexo panorama de possibilidades de propensões em direção ao interpretativismo, crítica, pós-estruturalismo, abordagens narrativas e fenomenológicas, dentre outras. A grande pergunta tem sido: é possível criar um conjunto universal parcimonioso de critérios para qualidade do qualitativo e ainda assim atender à complexidade do seu atual panorama de possibilidades ontológicas e epistemológicas? (TRACY, 2010).

Têm surgido propostas parcimoniosas (TRACY, 2010), porém, o que essas discussões evidenciam em comum é principalmente e cada vez mais a prática da pesquisa qualitativa como um processo complexo e criativo que exige do pesquisador muito mais do que o cumprimento de regras e a reaplicação de métodos e técnicas.

## Pluralismo

Essas discussões não seriam possíveis sem que outra houvesse sido feita em paralelo: a do pluralismo. A noção de diferentes orientações ou tradições de pesquisa foi assim outra conquista, herança das chamadas *guerras de paradigma* (discussões a respeito de qual paradigma tinha razão). Talvez mais relevantes ou impactantes do que estas, foram as discussões posteriores sobre por que é bom para os estudos organizacionais limitar – ou não limitar – sua proliferação a um ou a alguns paradigmas (McKINLEY; MONE, 1998; PFEFFER, 1993; VAN MAANEM, 1995, dentre outros).

Essas discussões tiveram como resultado o firmamento do pluralismo e o consequente surgimento de espaços importantes para circulação de pesquisas realizadas de novas formas e da teorização entendida como um processo político (CANNELLA; PAETZOLD, 1994; KAGHAM; PHILLIPS, 1998; MARTIN; FROST, 1996; SCHERER, 1998; SPENDER, 1998). As propostas que surgiram no *pós-guerra* materializaram então diferentes mapas (GEPHART, 2004; LINCOLN *et al.*, 2011; PRASAD, 2005;), que legitimaram o pluralismo. Com isso, os que estavam ávidos por experiências diferentes da que estava posta como “o normal”, puderam *sair da trincheira* e vivenciar sem medo suas diferentes orientações.

### Crise da verdade

Outra conquista foi a perturbação provocada pela ampla difusão da ideia de que o conhecimento é performativo na construção da realidade: co-construímos aquilo que dizemos estudar e, por isso, precisamos questionar constantemente *nossas próprias* assunções. Esse talvez seja o ponto em comum das muitas variedades de abordagens e discussões que constituíram importantes "viradas" nos estudos organizacionais: viradas pós-moderna e pós-estruturalista, e virada linguística.

As correlacionadas viradas pós-moderna e pós-estruturalista, cujos sinais e efeitos se fizeram mais nítidos em fins da década de 1990, constituíram-se a partir da aceitação, por uma parte do campo de estudos organizacionais, de contribuições diversas de pesquisadores orientados por abordagens pós-modernas e pós-estruturalistas.

Conforme resumem Calás e Smircich (1999), abordagens pós-modernas, inspiradas principalmente em Lyotard (1979), questionavam "grandes teorias" que promoviam uma visão unitária da ciência e da sociedade; e abordagens pós-estruturalistas, inspiradas principalmente em Foucault (1977, 1979, 1980) e em Derrida (1974, 1982), questionavam a existência de uma essência na qual o

significado se fundamenta, e afirmavam que há apenas diferenças entre significados – daí o *slogan* pós-estruturalista: “não há terra firme para o conhecimento” (CALÁS; SMIRCICH, 1999, p. 652). A herança dessas discussões é a possibilidade atual de examinar criticamente como o conhecimento moderno tem sido constituído, sem necessariamente prover um conhecimento alternativo, já que, para os pós-estruturalistas, não há um núcleo original da significação e, portanto, nenhuma base e nenhuma estrutura na qual o significado possa se apoiar.

Na análise de Calás e Smircich (1999), após o “pós”, o movimento prosseguiu fortemente em quatro direções: *abordagens feministas*, que se interessam principalmente em questionar como o gênero é escrito na teoria organizacional (para observar como condições generificadas são constituídas e passam a produzir teias emaranhadas de saber/poder); *análises pós-coloniais*, que se interessam principalmente em criticar a epistemologia ocidental como um sistema de exclusões (para mostrar de que modos o conhecimento moderno, como as noções iluministas de conhecimento e ciência, tem silenciado as vozes dos “marginais”, sendo preciso criar espaços para que “os outros” falem de volta); *análises a partir da teoria ator-rede*, que incluem atores sociais, técnicos e naturais em investigações sobre como as coisas se tornam centralizadas e descentralizadas e sobre os movimentos de oscilações que ocorrem (para colocar



o foco no irreducionismo e na relacionalidade, em vez de em fatos e essências); *abordagens narrativas*, que problematizam a responsabilidade moral do pesquisador que, ao escrever, não pode reivindicar inocência da força representacional que ele leva para o texto (por exemplo, o conjunto de autores que citei até aqui implica um conjunto de autores que não citei – quais são as consequências disso sobre a produção de sentidos enquanto você, leitor, buscava posicionar-se em relação ao que lia? Como decidi quais vozes foram incluídas e excluídas do meu texto, e o que isso implica para as relações de saber/poder que este texto pode ajudar a fixar ou desestabilizar nesse campo de estudo?)

Outro movimento com importantes impactos para a prática da pesquisa qualitativa em EO é aquele chamado de virada linguística, cujo ponto central é a substituição da noção de linguagem como meio de representar uma realidade externa, pela noção de linguagem como meio de constituir realidade (WATSON, 1995). O movimento também possui diferentes abordagens e se baseou em diferentes ideias, principalmente provenientes do pós-modernismo, pós-estruturalismo e construcionismo social, e um dos seus principais pontos distintivos está entre linguagem como epistemologia e linguagem como ontologia.

Linguagem como epistemologia assume que a linguagem é um fenômeno empírico (ALVESSON; KARREMAN, 2000), algo a ser estudado e que ajuda a decifrar significações feitas e significados relativamente fixos (CUNLIFFE, 2002).

Conforme resume a autora, nessa perspectiva, a linguagem é usada como método de pesquisa que ajuda a desestabilizar significados do texto 'original' – análises de discurso, análises narrativas, análises textuais e conversacionais são exemplos de métodos de pesquisa que assumem a linguagem como epistemologia.

Supondo como exemplo, posteriormente eu posso fazer uma análise de discurso deste texto para revelar ideologias, relações de poder e interesses subjacentes que agora, enquanto escrevo, consciente ou não, estou fixando neste artigo que será publicado em um periódico da área de estudos organizacionais e que, por isso, pode ter ou não ter algumas consequências, em detrimento de outras, para o ensino e prática organizacionais; ou posso fazer uma desconstrução para colocar no centro as vozes que agora, enquanto escrevo, consciente ou não, estou excluindo ou marginalizando, e evidenciar diferentes significados. Por exemplo, o fato de que estou dedicando mais espaço às chamadas “viradas” do que dediquei às *guerras de paradigma*, pode acentuar ou fazer propagar a ideia de que esta é menos relevante do que aquelas, contribuindo para que a “virada linguística”, ainda pouco explorada em EO no Brasil, torne-se um tema crescente nas discussões e suplante as discussões sobre paradigmas, que ainda hoje rendem sessões em importantes congressos brasileiros voltados para este campo de estudos.

Linguagem como ontologia, por sua vez, enfatiza a parte crucial que a linguagem tem em constituir realidades sociais e identidades (CUNLIFFE, 2002), e assume que o sentido é sempre ambivalente e ressoa com o fluxo de experiência (HÖPFL, 1994). Ou seja, o sentido é criado quando a linguagem joga através de nós, quando palavras, sons, ritmos e gestos evocam respostas verbais e emocionais – linguagem é metafórica; linguagem e sentido são uma prática corporificada; e a linguagem é indeterminada (CUNLIFFE, 2002).

Por exemplo, quando em um parágrafo anterior você leu que “os que estavam ávidos por experiências diferentes da que estava posta como ‘o normal’, puderam *sair da trincheira* e vivenciar sem medo suas diferentes orientações”, você provavelmente fez alguma associação com questões de sexualidade e/ou gênero, apesar de, denotativamente, eu ter me referido unicamente a tradições de pesquisa qualitativa em estudos organizacionais. Isso porque sentidos emergem nos “jogos” da linguagem, e não apenas na sua dimensão denotativa – a relação entre significante (a imagem do som das palavras) e significado (o que é real ou presente) é instável porque utilizamos as palavras em uma variedade de contextos (CUNLIFFE, 2002). Assim, escrever é algo similar a pintar (MERLEAU-PONTY, 1964) e novas formas de vida são criadas quando recriamos nós mesmos, os outros e os cenários de possibilidades de ação dentro das relações que articulamos em nossos diálogos – jogos de linguagem (WITTGENSTEIN, 1953).

O que esses movimentos, de algum modo, acabaram por provocar, foi a transposição, para os estudos organizacionais, da “crise da verdade” (CUNLIFFE, 2003) que emergiu dentro de muitas disciplinas a partir da década de 1970. Tão logo ela se mostrou, autores como Alvesson e Skoldberg (2000), Calás e Smircich (1999), Cooper (1990) e Watson (1995) preocuparam-se em buscar também a cara noção de reflexividade, que efervesceu por volta da década de 1980 – não apenas, mas principalmente – com a chamada virada reflexiva da antropologia (CLIFFORD, 1986; CLIFFORD; GARFINKEL, 1967; GOULDNER, 1970; MARCUS; FISCHER, 1986). De modo conciso, os debates sobre reflexividade levantam questões fundamentais sobre nossa habilidade, como pesquisadores, de capturar a complexa, interacional e emergente natureza da nossa experiência social, buscando introspecções de como constituímos conhecimento e realidade (CUNLIFFE, 2003).

### Bem-vinda, reflexividade

Atualmente, em EO, a noção de reflexividade ainda permanece restrita a alguns grupos de discussões, porém já com impactos importantes para a prática de pesquisa qualitativa. Uma delas é evidenciar a importância de unir ontologia e epistemologia, que em geral são ignoradas. Um exemplo são algumas análises de

discurso, em que comumente os autores utilizam linguagem como epistemologia, mas não como ontologia. Ou seja, utilizam a linguagem como um método para analisar a construção discursiva de realidades e identidades, porém não fazem o mesmo em relação ao seu próprio texto, às 'vozes' a partir das quais 'falam', aos sentidos que fixam ou desestabilizam na construção discursiva em que estão inseridos (CUNLIFFE, 2002). Assim, naturalizam a neutralidade da sua própria prática discursiva, apesar de buscarem desnaturalizar e expor a natureza situada das práticas discursivas de outros.

É também em vista disso que outro impacto importante da noção de reflexividade sobre o campo de estudos organizacionais tem sido a desconstrução reflexiva da tradicional noção de objetividade no papel do pesquisador e a abertura de espaços para abordagens relacionais reflexivas, interessadas em explorar possibilidades distantes das dicotomias sujeito-objeto, pesquisador-pesquisado, observador-participante, conforme os exemplos que se seguem.

Para pesquisadores interessados em autoconsciência e em desembalar as noções de neutralidade científica, verdade universal e desapego do pesquisador, Fine (1994) propôs trabalhar o *hyphen*, ou seja, explorar as relações que aproximam o pesquisador, o contexto e os pesquisados. A autora

argumentou que o *hífen* entre pesquisador-respondente (self-Outro) é relativo a relações de poder e colonizações decorrentes das análises assimétricas e representações feitas pelo primeiro a respeito da vida do segundo.

Baseados no trabalho de Fine (1994), Wagle e Cantaffa (2008) exploraram relações de identidade na pesquisa qualitativa, questionando como seus projetos de pesquisa estavam situados no contexto de suas identidades, e como suas identidades mudaram no processo de pesquisa em relação às identidades dos participantes. Questões de sexualidade, gênero, raça e etnia foram colocadas pelos autores para explorar como *identidade* importa na construção e direção de pesquisa qualitativa.

Estudando cultura organizacional, Mahadevan (2011) explou o que chamou de "*being owned condition*", para questionar a quem o pesquisador deveria se dirigir ao escrever, dadas as relações de poder entre pesquisador, campo e audiência. A autora argumentou que a audiência precisa ser capaz de julgar as afirmações de reflexividade do pesquisador através da sua escrita; porém, devido ao modo participativo da reflexividade no trabalho de campo, o pesquisador não está no controle da sua própria escrita reflexiva e, portanto, os processos entre pesquisador, campo e audiência precisam ser considerados para estabelecer

regras reflexivas de como escrever sobre cultura organizacional. A autora propôs, discutiu e exemplificou algumas possibilidades.

Outro exemplo abrangente é a análise de Cunliffe e Karunanayake (2013), que retomaram o trabalho de Fine (1994) e propuseram trabalhar a noção de *hyphen-spaces*, ou seja, espaços de possibilidade *entre* pesquisador e respondente, para explorar a natureza fluida das identidades de pesquisador-pesquisado e as implicações para a prática da pesquisa. Como conceito, *hyphen-spaces* contribuiu indicando um novo modo de examinar a natureza política das relações entre pesquisador e pesquisados, uma vez que aquele escolhe como se posicionar e trabalhar entre estes. As questões colocadas pelas autoras intentam deixar pesquisadores mais informados e éticos a respeito da natureza fluida e agente das identidades de pesquisador e respondentes na prática da pesquisa.

Sumariando conforme Cunliffe e Karunanayake (2013), um entendimento dos *hyphen-spaces* pode significar: tornar-se sintonizado com a complexidade das conversações com outros em termos de assunções culturais e sociais, e considerar as relações de identidade no *design* e condução da pesquisa, o que pode ajudar a evitar escrever um discurso colonizador; questionar reflexivamente a metodologia e os métodos da pesquisa em termos de como os entendimentos emergem, de como algo é tomado como óbvio, dos silêncios que podem ocorrer a partir de quem é incluído e de quem é excluído como respondente, o que pode

resultar em pesquisas mais transparentes e que reconheçam as consequências daquilo que reivindicam; reconhecer que novos entendimentos e introspecções emergem em *hyphen-spaces*, principalmente sobre a natureza múltipla e relacional da identidade no trabalho de campo; e que pesquisadores precisam ser sensíveis e responsivos a momentos de diferenças de identidade, às suas atribuições e às dos respondentes, para entender como isso pode impactar essa relação e a pesquisa.

Diferenciando-se um pouco dos autores anteriores, Turner e Norwood (2013) analisaram identidades em campo não a partir de *espaços entre*, mas a partir do corpo do próprio pesquisador, e propuseram a noção de *embodied reflexivity* para explorar como o corpo do pesquisador pode: deixar turvos o papel e as regras da pesquisa tradicional, atuando como ímpeto, instrumento e impedimento na produção de conhecimento; delimitar ou dissolver, por similaridades e diferenças em relação a outros corpos, a distinção observador-participante; fazer com que o pesquisador se torne o pesquisado a qualquer momento.

Outro exemplo, em que as relações de identidade tornaram-se mais delicadas e difíceis, é o relato analisado por Alcadipani e outros (2015), em que os autores discutiram políticas de identidade que se tornaram manifestas nas relações pesquisador-pesquisado em uma experiência na qual o condutor da pesquisa era



brasileiro e os pesquisados eram britânicos, invertendo assim a lógica que, historicamente, predomina nas ciências sociais (incluindo Administração e Estudos Organizacionais). Os autores analisaram como a relação sujeito-objeto foi invertida no desenrolar da pesquisa e como a identidade do pesquisador foi construída de modos estereotipados e que eram uma afronta ao seu senso de *self*, a partir de discursos do contexto que constituíam desde atos de exotização e erotização a comentários em tom acusatório e interrogativo a respeito de subdesenvolvimento e impunidade no – *seu país* – Brasil.

### O pesquisador como artesão

O que todas essas análises mostram em comum é um pouco da prática de pesquisadores que exploram reflexivamente a construção da identidade de pesquisador no trabalho de campo, revelando esse posicionamento como fluido, múltiplo, agente e relacional, e dando exemplos a partir dos quais contestam, empiricamente, antigas dicotomias pré-fixadas como sujeito-objeto, observador-participante, pesquisador-pesquisado, além de discutirem objetividade/subjetividade/intersubjetividade, representação e poder em alguns dos aspectos relacionais e dialógicos da prática da pesquisa qualitativa em EO.

Esta, em todos esses exemplos, é encarada como um ofício, e não como conjunto de técnicas ou métodos a serem fiel e objetivamente seguidos. Isso porque fica evidente nesses estudos que seus condutores não se restringiram a reaplicação de métodos e técnicas de “coleta/análise/exposição de dados”, tampouco “posicionaram-se epistemologicamente no paradigma x, y ou z”, mas construíram suas pesquisas a partir de uma articulação coerente entre ontologia, epistemologia e metodologia, e as apresentaram como relatos confiáveis, consistentes e persuasivos.

Tal articulação não é simples e, nos estudos organizacionais brasileiros, ainda rara. Isso talvez porque: objetivismo ainda é sinônimo de rigor e/ou cientificidade; subjetividade ainda é sinônimo de falta de rigor e/ou “alternatividade”; e intersubjetividade ainda sequer é debatida.

No entanto, embora o objetivismo ainda seja privilegiado como mais metodologicamente rigoroso e científico, e o subjetivismo e o intersubjetivismo sejam vistos como “vale tudo” (CUNLIFFE, 2010), pesquisadores de EO têm sido convidados (e convocados) a desenvolver novas formas de pesquisa e teorização sobre organizações, abandonando a pura aplicação de técnicas e explorando processos mais complexos, criativos e co-construídos como expressão exploratória

de uma forma de conhecimento estética e incrustada<sup>1</sup> (ou aderida) ao contexto (CUNLIFFE, 2010).

Além da reflexividade, são requeridos e enfatizados aspectos como criatividade, imaginação e variedade de conhecimento para que, por meio de problematização, seja possível gerar questões de pesquisa interessantes e que levem à formulação de teorias influentes (ALVESSON; SANDBERG, 2011), e ainda uma discordância ativa e/ou criação de mistérios e sua subsequente resolução (ALVESSON; KARREMAN, 2007).

### Adeus, paradigma

A primeira grande consequência de todas essas discussões, para pesquisadores do campo de estudos organizacionais, talvez seja a tomada de consciência da insuficiência, doravante, das argumentações baseadas em "meu paradigma" como modo de legitimar rigor e qualidade.

Depois disso, o que os estudos organizacionais têm a ganhar com a crescente contestação de pesquisas "posicionadas" a partir de quadrantes de paradigmas, com o fomento de pesquisas co-construídas e conscientes do contínuum

---

<sup>1</sup>Tradução aqui adotada para a palavra *embedded* (CUNLIFFE, 2010).

objetividade-subjetividade-intersubjetividade e suas implicações (CUNLIFFE, 2010), talvez seja principalmente: uma diversidade de métodos mais criativos (BANSAL; CORLEY, 2011); a possibilidade de atravessamento “entre” (e não apenas “dentro de”) diferentes tradições de pesquisa e ‘visões de mundo’ (WILLMOTT, 1993); o aumento de *traduções* (entre diferentes sistemas de significação), o fim da prática discursiva da incomensurabilidade (CZARNIAWSKA, 1998; WEINSTEIN; WEINSTEIN, 1998); e a instauração da prática de diálogos generativos (GERARD; ELLINOR, 2004; GERGEN *et al.*, 2004; HIBBERT *et al.*, 2014).

### Impacto social

Não menos relevantes do que todos esses tópicos, é a discussão acerca de impacto social. Nas últimas duas décadas, a literatura a respeito desse tema avançou consideravelmente, revitalizando a ideia de que pesquisas devem gerar conhecimento com rigor e *relevância prática* (LIMA; WOOD JR., 2014, *grifo meu*). Desde então, têm surgido propostas para medição do impacto de pesquisas na América Latina, na Oceania, na Europa e, especificamente no Brasil, uma proposta de análise para Escolas de Administração de Empresas e Administração Pública (LIMA; WOOD JR., 2014).

O surgimento desses instrumentos está associado a debates a respeito do papel do conhecimento na sociedade (JASANOFF, 2006; NOWTNY *et al.*, 2001; PETTIGREW, 2001). Conforme resume Pettigrew (2011), esses debates têm como principais objetivos: uma fronteira mais porosa entre ciência e sociedade; menos autonomia na pesquisa; demolição das assunções de visões unitárias da ciência e noções lineares do progresso científico; maior alcance dos participantes no processo de desenvolvimento do conhecimento e maior pluralismo; maior reconhecimento do caráter localizado (em tempo e espaço) da prática da pesquisa e dos resultados; e o reconhecimento de interações complexas entre as múltiplas partes interessadas.

Especificamente no campo de estudos organizacionais, essa discussão está associada ainda a críticas ao atual *status quo* da prática da pesquisa: modismos e adaptação a subtribos específicas, fazendo colegas com pensamento similar felizes com a reprodução de estudos que não chateiam seus camaradas; carreirismo e narcisismo, onde os sinais de sucesso são fortes e visíveis e acompanham a crescente tendência de acadêmicos se classificarem dentro de uma área bem dominada e restrita para impulsionar sua produtividade; alto grau de tribalismo acadêmico e orientação intratribu; autoatualização, ou seja, uso da pesquisa como meio para explorar um tema apenas pelo gosto pessoal e demonstrar superioridade; hedonismo, ou seja, tentar otimizar o elemento prazer

na pesquisa e publicação; *habitu-ismo*, ou o ritualismo que se refere à racionalidade científica e da publicação; discursivismo, ou paixão pelo vocabulário específico e *status* que isso confere, travestido na ideia de que 'eu uso o vocabulário correto e então eu sou bom'; boxismo, ou filiação aos 'bons', tornando-se por exemplo 'o estrategista' renomado [ou crítico, ou o pós-estruturalista, ou o simbolista, ou o analista de discurso, etc.], para aumentar a citabilidade; o fetichismo dos periódicos; o hábito de se especializar em algum "grande intelectual" para apontar suas "contribuições aos estudos organizacionais", nada ou quase nada articuladas com temas intrínsecos ao campo; e, não menos grave, a publicação como meio de ocupar posições hierárquicas mais elevadas, diminuir a carga horária de aulas, ser promovido rapidamente e ganhar mais (ALVESSON, 2013).

Especificamente a respeito da produção brasileira, alguns problemas também têm sido apontados. Talvez o principal seja o produtivismo, isto é, a ênfase exacerbada na produção de uma grande quantidade de algo que possui pouca substância, o foco em se fazer o máximo de uma coisa "enlatada" com pouco conteúdo, e a conseqüente valorização da quantidade como se fosse qualidade (ALCADIPANI, 2011a, 2011b). Trata-se de uma atitude desequilibrada na qual a qualidade, a pertinência e os padrões éticos cedem ao imperativo de pontuações e CVs recheados de títulos (BERTERO *et al.*, 2013).

Outro problema comum é o provincianismo, ou paroquialismo, percebido pela atitude desequilibrada na avaliação de autores, de teorias e da produção científica em geral, que acabam se tornando sobreapreciados pelo fato de serem nacionais, com possibilidade de culminar na rejeição de algo simplesmente por não ter sido desenvolvido aqui (BERTERO *et al.*, 2013). Ou, ao contrário, prevalece o estrangeirismo – a sobrevalorização do que é estrangeiro pelo simples fato de ser estrangeiro (BERTERO *et al.*, 2013).

Talvez uma das causas comuns a todos esses problemas possa ser extraída da análise de Chen e outros (2013). Os autores apontam a baixa popularidade de pesquisas de cunho etnográfico entre os acadêmicos deste campo de estudo, possivelmente devido às características do próprio método, que requer longos períodos de tempo desde a produção de dados e análise até a publicação final. Isso é uma grave contradição, uma vez que, em EO, discutimos muito cedo os problemas decorrentes da substituição do trabalho como ofício pelo trabalho nas linhas de produção em massa: desqualificação e crescente alienação (TRAGTENBERG, 1977), e destituição dos trabalhadores do conhecimento do ofício e a imposição a eles de um processo de trabalho no qual sua função é a de parafusos e alavancas (BRAVERMAN, 1987). Apesar dos danos bem conhecidos, conforme alguns debates têm mostrado (ALCADIPANI, 2011a, 2011b; BERTERO *et al.*, 2013), esse

campo de estudos atualmente parece não conseguir reverter esse processo no trabalho de boa parte dos seus próprios trabalhadores – os pesquisadores.

E cabe ressaltar ainda que essa incapacidade, por vezes, é relegada “aos outros” e disfarçada pela atitude narcisista de autoproteção pelo tribalismo, exemplificada por Alvesson (2013): ‘nós, os críticos, os bons! Eles, os positivistas/funcionalistas, os maus’. Uma breve revisão de algumas já muito padronizadas análises de discurso bastaria para revelar que esse é um problema que performa no nível microfísico, e não paradigmático.

### E agora, pesquisador?

Ao trazer todas essas vozes para este texto, meu objetivo não foi criticar qualquer trabalho, mas contribuir para o processo de conscientização (em especial de pesquisadores iniciantes), já em curso, da necessidade de se praticar a pesquisa qualitativa como um ofício, mais do que como reaplicação de procedimentos técnicos, e das consequências problemáticas que esta última tem trazido para o campo de EO, em especial no Brasil.

E se, conforme afirmam Barley e Kunda (1992), o poder de qualquer teoria social-científica reside não na capacidade de explicar o passado, mas na habilidade de



predizer o futuro, seria pouco valioso resgatar todas essas discussões sem arriscar alguma indicação para o amanhã. Por isso, sumariando o que expus até aqui, arrisco alguns *insights* a respeito das demandas, senão imperativos, que doravante e cada vez com mais veemência, farão parte do cotidiano de quem se dedica à prática de pesquisa qualitativa em estudos organizacionais, em especial da geração atualmente em formação: será preciso que tenhamos critérios mais claros para avaliar as múltiplas qualidades do qualitativo, não apenas fora dos domínios do saber quantitativo, mas considerando a complexidade do processo criativo incrustado no contexto; será preciso que haja pluralismo na criatividade de manuseio dos métodos, e que reconheçamos definitivamente e igualmente o valor de diferentes orientações ou tradições de pesquisa, e não apenas como "formas alternativas", haja vista que tachar algo de "alternativo" reforça a estrutura que a coloca como inferior; será preciso que questionemos constantemente as *nossas próprias* assunções (e não mais apenas as alheias), uma vez que co-construímos aquilo que dizemos estudar, e isso independe do objetivismo que possamos pretender; será também preciso que levantemos questões fundamentais sobre nossa habilidade de, como pesquisadores, capturar a complexa, interacional e emergente natureza da nossa experiência social, buscando introspecções acerca de como constituímos conhecimento e realidade em um *continuum* objetividade-subjetividade-intersubjetividade; e precisaremos, ainda, desconstruir reflexivamente, e cada vez com mais ênfase, a tradicional

noção de objetividade no papel do pesquisador, para abrir espaços para abordagens relacionais reflexivas; será preciso também que busquemos diálogos generativos e que coloquemos fim aos cômodos “posicionamentos paradigmáticos”, legitimados por uma epistemologia aduaneira que se ocupa em fiscalizar a passagem para diferentes ilhas de significação mais do que em construir pontes via *traduções*; e tudo isso será pouco frutífero se não prezarmos mais pelo rigor e qualidade na prática da pesquisa, e se não buscarmos provocar impacto social.

Adiante, meu objetivo é principalmente contribuir com os *Diálogos sobre o Trabalho Humano*, na sua interface com EO, discutindo a seguinte questão: por que e de que modos a ergologia, como abordagem teórico-metodológica, pode contribuir para a prática da pesquisa qualitativa em estudos organizacionais?

### A PESQUISA QUALITATIVA EM ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E A ERGOLOGIA: AO TRABALHO!

Se quisermos colocar um marco na transposição da ergologia para os estudos organizacionais no Brasil, podemos nos reportar ao livro *Competências e Gestão: dialogando com o trabalho e decifrando suas conexões* (BIANCO, 2014a). Materialização de discussões e pesquisas empíricas realizadas nos últimos anos por integrantes do Grupo de Estudos em Trabalho, Ergologia e Gestão (GETERGE), coordenado por Mônica de Fatima Bianco e vinculado à Universidade Federal do Espírito Santo

(PPGAdm/UFES), o livro apresenta diálogos – entre pesquisadores e trabalhadores – marcados pelo exercício real da pluridisciplinaridade, uma vez que é característica do GETERGE a interação constante com o programa Conexões de Saberes sobre o Trabalho, coordenado por Daisy Moreira Cunha (DAE-FAE-UFMG), em que pesquisadores de diversas áreas de saber e trabalhadores se reúnem para produzir conhecimento acerca do trabalho.

Além dos trabalhos apresentados no livro, pesquisas anteriores possibilitam agrupar apontamentos e contribuições provenientes do uso da ergologia em EO. Após revisar essas pesquisas, Holz e Bianco (2014a) sumarizam as proposições: necessidade de repensar a organização do trabalho da ótica da gerência, tradicionalmente prescritiva da tarefa, e reforçar a necessidade de um deslocamento de foco para o trabalho real, repleto de singularidades; necessidade de desnaturalização de discursos gerenciais que ocultam as singularidades do trabalho real em detrimento da prescrição e da generalização; reforçar o movimento em curso de restituição da atividade de trabalho ao trabalhador.

Buscando contribuir com esse debate, indico a seguir algumas das demandas centrais em EO e que são também, de algum modo, constituintes da *démarche*

ergológica, pensada como uma abordagem teórico-metodológica possível para os estudos organizacionais sobre trabalho.

### Recolocar o trabalho em foco

Teorias organizacionais são, pelo menos implicitamente, ligadas à imagem da atividade concreta que elas tentam descrever e explicar e, na maioria dos casos, esta atividade é o que as pessoas chamam de trabalho (BARLEY; KUNDA, 2001). Conforme os autores, uma vez que trabalho e organizações são interdependentes, mudanças significativas na natureza do trabalho deveriam coincidir com mudanças na forma como organizações são estruturadas e no modo como as pessoas experimentam o trabalho em suas vidas cotidianas. Para Barley e Kunda (2001), teóricos organizacionais devem, portanto, colocar o trabalho mais claramente em foco e desenvolver imagens das organizações que sejam congruentes com as realidades de trabalho na nova ordem econômica. Aí reside uma boa justificativa para o diálogo entre ergologia e EO.

Neste ponto, a abordagem ergológica pode contribuir do seguinte modo: ajudar a recolocar o trabalho mais claramente em foco, uma vez que seu compromisso maior é conhecê-lo de perto para colocar problemas e buscar soluções. A análise ergológica é feita no intuito de investigar o permanente debate de normas e de valores que renovam indefinidamente a atividade laboral, concentrando-se sobre a relação que a pessoa estabelece como o meio no qual está engajada (SCHWARTZ; DUC; DURRIVE, 2010a, 2010b, 2010c, 2010d, 2010e), e tendo o intuito de

abrir ao máximo o ângulo sobre todas as dimensões da atividade, analisando-a à lupa (ATHAYDE; BRITO, 2011).

### Reescrever o trabalho

Barley e Kunda (2001) apontam ainda que boa parte das teorizações sobre as atuais dinâmicas entre trabalho e organizações incorrem em dois erros: o ambientalismo, ou seja, a tendência em explicar mudanças apenas em termos de forças do ambiente; e a inversão conceptual, isto é, a inversão de conceitos a partir do contraste entre presente e passado.

Uma consequência danosa disso, conforme os autores, é que os conceitos relativos ao trabalho permanecem enraizados no industrialismo, e a evidência disso pode ser encontrada na linguagem usada para falar do trabalho, nas imagens que servem de arquétipos para as teorias organizacionais, e no sistema formal pelo qual o trabalho é classificado. A dificuldade que economistas encontram atualmente em conceptualizar valor é um exemplo dado por Barley e Kunda (2001) que, buscando apontar direcionamentos para resolver esse problema, indicam a necessidade de revitalizar os velhos conceitos a partir dos quais visualizamos a natureza das organizações. "Estudos sobre trabalho fariam uma contribuição significativa se eles fizessem nada mais que revitalizar conceitos

que ossificaram ao longo do tempo" (BARLEY; KUNDA, 2001, p. 89). Reside aí outra boa justificativa para o diálogo entre ergologia e EO.

Isso porque, na abordagem ergológica, ao se falar de trabalho, é necessário colocar-se num posto de desconforto intelectual e retrabalhar ou "torcer" os conceitos (SCHWARTZ, 2002). A elaboração do próprio conceito de trabalho na ergologia se faz numa relação de aderência e desaderência, na medida em que é uma dialética entre o que é pré-pensado e pré-tratado no plano conceitual e o que a vida humana, ancorada no "aqui-agora", obriga a pensar e a fazer (DURRIVE, 2011). Desse modo, o conceito de trabalho na abordagem ergológica é regido por uma exigência epistêmica (ligada ao objetivo de conhecer, por meio de arquiteturas regulares e coerentes que neutralizam o histórico) e, ao mesmo tempo, é movido por uma busca que segue o caminho oposto, sendo aproximado o mais perto possível do contexto (DURRIVE; SCHWARTZ, 2008; SCHWARTZ, 2002).

Esse exercício formador, que consiste em retorcer e retrabalhar o conceito, produz um retrabalho também dos valores humanos, sociais e coletivos rumo à renovação dos saberes formais e disciplinares (DURRIVE, 2011). Essas e outras características da conceptualização do trabalho na Ergologia (da representação à atividade) foram exploradas por Holz e Bianco (2014b) e, parafraseando os autores, seu grande propósito é restituir ao trabalho sua historicidade e

singularidade, irredutíveis no plano real, mas tradicionalmente ignoradas no plano da representação conceitual.

### Analisar o que e como as pessoas fazem enquanto trabalham

As primeiras teorias organizacionais eram fortemente ligadas ao estudo (via observação empírica) do trabalho, até por volta das décadas de 1960 e 1970, quando maiores níveis de abstração se tornaram uma tendência (BARLEY; KUNDA, 2001). Esse distanciamento constitui uma perda problemática para o campo porque é a atividade das pessoas que determina como organizações se tornam estruturadas e é a ação humana que gera variações organizacionais ou estruturações (BARLEY; KUNDA, 2001). Embora reconhecer isso não seja algo novo, as questões do trabalho geralmente são relegadas à área de Recursos Humanos ou Gestão da Produção, em que processos de trabalho são usualmente tratados como problemas de gestão de pessoal e logística (BARLEY; KUNDA, 2001).

Além disso, conforme esses autores, a maioria dos estudos contemporâneos (quantitativos ou qualitativos) sobre organizações empregam métodos que se distanciam do tipo de dados necessários para fazer inferências fundamentadas na natureza do trabalho e das práticas de trabalho. Os autores reafirmam a importância de investigar sistematicamente as atividades concretas que



constituem as rotinas de organizar, e de adotar metodologias fortes em descrições precisas e detalhadas da vida no trabalho e das relações que nela ocorrem. Investigações e metodologias com essas características têm sido empregadas em EO no Brasil (ALCADIPANI; TONELLI, 2010; BIANCO *et al.*, 2013; MEZADRE; BIANCO, 2014; TONELLI, 2014; TONELLI; ALCADIPANI, 2003; TONELLI; BETIOL, 1991; TONELLI *et al.*, 2007; ZANDONADE; BIANCO, 2014, para resgatar alguns exemplos) e a abordagem ergológica, uma vez que convoca o pesquisador a "ir ver de perto o trabalho", em muito pode contribuir para reforçar e propagar estudos com essas características.

Assim, ela pode contribuir como um modo de: investigar as confrontações que ocorrem em situações reais de trabalho; compreender a relação entre o homem e o meio; trazer à luz a atividade concreta de trabalho que, ancorada no "aqui- agora", sempre escapa à modelização; entender as normas e valores coletivos que se instituem no contexto de trabalho e a partir dos quais as pessoas arbitram e decidem; evidenciar as renormalizações, ou seja, as rupturas das normas, as tessituras de redes humanas (DURAFFOURG; DUC; DURRIVE, 2010; LIMA; BIANCO, 2009; SCHWARTZ, 2010a, 2010b, 2010c, 2010d, 2010e; 2011; SCHWARTZ; DUC; DURRIVE, 2010d).

### Romper barreiras disciplinares

Reintegrar o estudo do trabalho ao estudo das organizações implica borrar os limites conceituais entre teoria organizacional e outras disciplinas (BARLEY; KUNDA, 2001). E, mais do que isso, é preciso reafirmar que, para compreender as formas organizacionais atuais, é necessário privilegiar diálogos *entre* diferentes tradições de pesquisa, não apenas *dentro de* diferentes tradições de pesquisa.

Ou seja, abraçar não um pluralismo impregnado de isolacionismo, mas um pluralismo transigente. Isso implica reconhecer que, embora a comunicação entre diferentes conjuntos de “visões de mundo” nunca seja isomórfica, tal comunicação não apenas é possível, mas é também condição necessária para o desenvolvimento de novas teorias (WILLMOTT, 1993). Para isso, devemos buscar meios de realizar *traduções* (CZARNIAWSKA, 1998) e diálogos generativos (GERARD; ELLINOR, 2004; GERGEN *et al.*, 2004; HIBBERT *et al.*, 2014; PALMER *et al.*, 2007). Aí reside outra boa justificativa para o diálogo entre ergologia e estudos organizacionais.

A abordagem ergológica, construindo-se sobre a base da pluridisciplinaridade, figura atualmente como possibilidade concreta de avançar nas tentativas de instaurar essas comunicações, realizar essas traduções e esses diálogos. Isso porque a ergologia nasce a partir de estudos pluridisciplinares de situações de trabalho e não se pretende uma disciplina específica ou um campo de saber, mas

uma *disciplina do pensamento* que convoca todas as áreas a um movimento de atravessamento de sentidos entre saberes acadêmicos estocados e saberes práticos/investidos dos trabalhadores, sob a vigilância ética exercida via reflexividade (TRINQUET, 2010). Desse modo, conceitos, métodos e técnicas são evocados para criar condições propícias ao encontro e diálogo sobre o trabalho, com participação dos vários atores em jogo (BIANCO, 2014).

### Exercer a reflexividade

De modo geral, a noção de reflexividade, conforme elaborada por Cunliffe (2003, 2004), se refere a assumir que, como pesquisadores, devemos nos responsabilizar por nossas teorizações, reconhecer nossos compromissos filosóficos e estabelecer nossa lógica interna enquanto a abrimos para questionamentos críticos, para que possamos expor sua natureza situada. Exemplificando essa prática a partir da experiência de trabalho de campo, Cunliffe e Karunanayake (2013) discorrem sobre a relevância e potencialidade do exercício da reflexividade por pesquisadores de EO.

O trabalho de campo em questão foi o de Geetha Karunanayake que, usando uma perspectiva sócio-construcionista e metodologia baseada em discurso, examinou como macro-discursos históricos e sócio-políticos (como por exemplo políticas do governos e textos religiosos) se entrelaçavam com práticas micro-discursivas

(conversas e interações de gerentes, trabalhadores e sindicatos) para construir e manter a identidade de trabalhador de plantação de chá no Sri Lanka. Assim, Cunliffe e Karunanayake (2013) indicam e exemplificam principalmente um modo de examinar a natureza política das relações entre pesquisador e respondentes, uma vez que aquele escolhe como se posicionar e trabalhar entre estes.

Conforme já resgatado anteriormente, o exercício da reflexividade tem sido abraçado por outros pesquisadores, estando ela em plena fase de experimentação e propagação no campo de estudos organizacionais. Para quem faz uso da abordagem ergológica, o convite de Cunliffe (2003, 2004) soa familiar, pois assemelha-se à ideia de desconforto intelectual, ético e social, desenvolvida por Schwartz (2001) como 'exigência filosófica' e defendida por ele como necessária para o retrabalho dos conceitos a partir da confrontação com os saberes investidos na atividade.

Isso porque a construção de saberes na abordagem ergológica é vista também como uma atividade, atravessada ela mesma por debates de valores e escolhas, formando uma unidade dialética com a vida (DURRIVE; SCHWARTZ; 2008), mesmo porque "o utilizar conceitos é já de certa maneira julgar, decidir e engajar-se" (SCHWARTZ, 2001, p. 142). Em uma discussão sobre o conceito de trabalho na ergologia, Holz e Bianco (2014b) sugeriram três características desse processo de

conceptualização: reconhece-se atravessado por debates de valores e, portanto, assume-se em partes como uma escolha; afirma-se inseparável dos meios de vida, reconhecendo assim a impossibilidade de uma neutralidade completa na sua própria construção, bem como seu caráter interventor; é palco e ator de uma relação de forças entre o geral e o singular e, por isso, não é estanque. Arriscando uma metáfora, os autores propuseram pensar que o conceito de trabalho na ergologia, ao ser forjado como instrumento para debruçarmo-nos sobre as dimensões contidas na penumbra da atividade humana, ressoa como um conceito caligramático, pois desenha, também em si mesmo, aquilo que se propõe a elucidar. Tudo isso poderia ser sintetizado num imperativo: exercitemos a reflexividade.

É a partir desse exercício que, a seguir, busco chamar atenção para a relevância de se *vivenciar* o dispositivo dinâmico de três polos (DD3P), ou seja, encará-lo como experimentação e experiência, um exercício constante durante pesquisas de perspectiva ergológica, em vez de apenas revisá-lo conceitualmente, mencioná-lo como aparato teórico, ou referir-se a ele tão somente como um conjunto de instruções figurativas nas seções de "aspectos metodológicos".

## O DISPOSITIVO DINÂMICO DE TRÊS POLOS: DOS CONCEITOS À VIVÊNCIA

Embora se possa dizer que a perspectiva ergológica hoje esteja em processo de assimilação e difusão no Brasil (processo ainda bastante incipiente, tratando-se de EO), algumas publicações já provocam impactos e, também, apresentam problemas no que diz respeito à prática de pesquisa qualitativa.

Sobre isso, expus em outra discussão (HOLZ, 2014) alguns pontos problemáticos que identifiquei em uma revisão de literatura abrangendo estudos nacionais publicados de 2008 a 2012 em periódicos classificados pela CAPES (*Qualis* CAPES) em até B2 na área de formação dos autores do artigo e/ou na área Interdisciplinar (seguindo classificação vigente em 2012): a prática do resumo, ou seja, “revisões de literatura” dos textos de autores franceses sem propor nem problematizar algo a partir dos mesmos, sendo, portanto, apenas uma republicação do já publicado; o corporativismo da citação, percebido pela existência de duplas ou trios de autores que sempre se citam, mesmo que algumas citações pareçam desnecessárias, deslocadas ou desconexas, deixando claro que o objetivo da citação era primordialmente citar e ser citado; o considerável número de pesquisas que se restringem a “comprovar empiricamente” as proposições da ergologia sem propor modificações ou avanços, o que não faz sentido se tivermos em mente que a ergologia já é um abordagem

desenvolvida após e com base em cerca de duas décadas de trabalhos empíricos conduzidos pela equipe de Yves Schwartz; e ainda a falta de cuidado no uso dos conceitos, analisada com mais profundidade por Santos (2012).

Resgato essa discussão aqui para reforçar a relevância de *vivenciar* o DD3P, mais do que incorporá-lo textualmente nas publicações. Assim, considerando sua já consolidada apresentação no Brasil (BIANCO, 2014; BRITO; ARANHA, 2011; HOLZ, 2013; HOLZ; BIANCO, 2014a), agora abro mão de uma revisão conceitual pormenorizada sobre o DD3P (SCHWARTZ, 2000a, 2000b, 2001, 2002, 2004; SCHWARTZ; DUC; DURRIVE, 2010a, ) e me concentro em argumentar que a primeira e grande lição para compreender a relevância do que Yves Schwartz denomina Dispositivo Dinâmico de Três Polos é que sua função maior é colocar em diálogo os saberes acadêmicos e os saberes da atividade investida, *pelo trânsito em seus "polos", estes constituídos por lugares virtuais da realidade coletiva* (TRINQUET, 2010, *grifo meu*).

Devemos ressaltar os seguintes pontos disruptivos: praticar a ergologia é uma tentativa de se tornar protagonista ativo no mundo em que vivemos (SCHWARTZ; DUC; DURRIVE, 2010); essa prática se reconhece como entrecruzada por uma história coletiva e um itinerário singular e imersa em valores em debates incessantes (SCHWARTZ, 2002); ela se faz como um paradoxo, uma vez que só se

torna eficiente ao se tornar epistêmica, ao mesmo tempo em que a epistemologia, enquanto implementação, é um processo ergológico (SCHWARTZ, 2002); precisamos “explorar o enigma” e recusar o “clareamento” da atividade (SCHWARTZ, 2014); a proposta central dessa construção metodológica é o confronto entre os portadores do conhecimento conceitual e os trabalhadores, portadores do patrimônio vivo das atividades de trabalho (SCHWARTZ, 2000). Se concordamos com tudo isso, então é preciso que busquemos, primordialmente, vivenciar do DD3P em nossas práticas como pesquisadores.

O relato de Petrus, Cunha e Rabelo (2014) sobre as dificuldades durante o “Projeto Conexões de Saberes sobre Trabalho – Saúde e Segurança na Mineração” é um bom exemplo para comprovar a necessidade de se colocar em maior evidência essa discussão. Parafraseando as autoras, existem ainda muitas lacunas que precisam ser mais bem experimentadas para responder a questões que ainda estão sem respostas concretas:

Quais encontros de saberes são possíveis em dispositivos como esse?

Quais composições e arranjos são necessários para que eles se efetuem?

Quais são as dinâmicas que limitam ou possibilitam o diálogo?



Quais são as condições necessárias para se estabelecer um diálogo?

Quais vêm sendo os efeitos desses diálogos na produção de saberes sobre o/no trabalho pelos protagonistas?

Em que a participação em dispositivos tripolares vem fomentando a transformação dos valores e das situações profissionais dos envolvidos?

Petrus, Cunha e Rabelo (2014) nos deixam essas perguntas como relevantes tópicos para discussões em conjunto e, de algum modo impactado por elas, realizei a análise da minha experiência no trabalho de campo durante uma pesquisa de abordagem ergológica. Algumas das proposições que coloco mais adiante com base nessa análise podem contribuir para o avanço desse debate.

O caminho que aqui proponho para esse avanço é buscarmos compreender sob que condições e de que modo atuam, sobre a atividade do pesquisador, as forças das disciplinas epistêmica e ergológica (SCHWARTZ, 2002). Devemos "torcer os conceitos" e sentir o "desconforto intelectual", para usar as expressões de Schwartz (2002). É o que tentei exercitar em relação ao modo como fiz uso da abordagem ergológica na minha experiência de trabalho de campo durante uma

pesquisa de abordagem ergológica realizada em 2013<sup>2</sup>. O contexto da pesquisa era o trabalho na linha de beneficiamento de granitos, em que me inseri como pesquisador durante cerca de seis meses, com visitas em média três vezes por semana, o que permitiu a escrita de diários de campo, anotações de conversações diversas e gravações de entrevistas.

Uma vez que aqui meu foco não são os dados produzidos a respeito do tema central e objetivos da pesquisa, abstenho-me de prover maiores detalhes a esse respeito. Parafraseio Bianco (2014) e limito-me a esclarecer que “dialogar com o trabalho e decifrar suas conexões” era o propósito maior, a partir do “desvendamento da riqueza, historicidade e singularidade parcialmente ocultas no trabalho humano a ser investigado em seu micro” (BIANCO, 2014, p. 20). Assim posto, adiante foco na descrição da elaboração da presente análise sobre meu trânsito pelos polos do DD3P.

### Uma análise reflexiva

Durante o período que estive em campo como pesquisador, experimentei algumas *perguntas críticas*, ou seja, perguntas que surgiram em conversas

---

<sup>2</sup>A pesquisa inseria-se no projeto “Dinâmica Organizacional, Relações de Trabalho e Gestão de Pessoas: investigando organizações capixabas”, coordenado por Mônica de Fatima Bianco, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo – FAPES.

corriqueiras, feitas a mim pelos trabalhadores ("pesquisados") e que, de algum modo, provocavam inquietações e dúvidas sobre meu papel como pesquisador.

Na busca por entender melhor essas perguntas e o efeito que tinham sobre mim, inspirei-me em pesquisadores como Alcadipani e outros (2015), Cunliffe e Karananayake (2013), Fine (1994), Mahadevan (2011), Turner e Norwood (2013), Wagle e Cantaffa (2008), que analisaram reflexivamente suas experiências em campo, focando na relação entre pesquisador e respondentes.

Assim, a partir dos meus diários de campo, eu elaborei vinhetas autoetnográficas em retrospectiva (AGAR, 1995; ANDERSON, 2006; ELLIS; BOCHNER, 2006; HUMPHREYS, 2005; MAHADEVAN, 2011), com o objetivo de compreender melhor o uso que fiz da abordagem ergológica no trabalho de campo e, principalmente, as relações que estabeleci com os respondentes.

Em seguida, fiz uma análise reflexiva (ALVESSON; SKÖLDBERG, 2009; CUNLIFFE, 2002, 2003, 2004) de cada vinheta com as seguintes perguntas em mente: I) de que modo vivenciei a influência das forças da disciplina epistêmica e da disciplina ergológica? II) de que modo transitei pelos três polos do DD3P? III) de que modo experimentei os processos socráticos de duplo sentido? Estabeleci essas perguntas porque elas pareciam direcionar o foco da análise para a experiência

de pesquisador de abordagem ergológica, e porque respondê-las poderia ser um caminho para compreender o trânsito pelos polos do DD3P.

Apresento a seguir, resumidamente, as seis perguntas críticas e as vinhetas que elaborei a partir dos diários de campo. Em seguida, apresento três proposições que elaborei a partir da análise reflexiva dessas vinhetas. Apresento ainda um quadro que resume os elementos dessas proposições e serve como exemplo de trânsito do pesquisador pelos polos do DD3P, ou seja, da vivência do DD3P pelo pesquisador.

### O pesquisador como objeto de escrutínio dos 'pesquisados'

Pergunta crítica I – O que você faz e onde você mora?

Essa pergunta foi feita algumas vezes por alguns dos trabalhadores da linha de beneficiamento da empresa loco da pesquisa no primeiro mês de trabalho de campo. Em outros contextos, seria algo corriqueiro. Ali, porém, ela tinha grande impacto não apenas sobre o processo de estabelecimento de *rapport*, mas, principalmente, sobre o modo como eu estava percebendo aquele ambiente. Essa pergunta sempre me causava perturbação. Quando minha resposta era algo como “sou um mestrando e moro no baixo tal...”, a conversa que se seguia rumava

para algo cujo resultado era um *entrave* da pesquisa e *distanciamento* entre os trabalhadores e eu, uma vez que acentuava a distância de nível educacional formal, econômico e social. Por outro lado, quando minha resposta era algo como "sou um mestrando, o que também é um trabalho, e somos conterrâneos...", a conversa rumava para algo cujo resultado era uma espécie de *fluidez* e *aproximação*, uma vez que acentuava similaridades entre nós. Essa pergunta sempre provocava esse tipo de espécie de *deslocamento*.

Pergunta crítica II – Você trabalha aí?

Essa pergunta foi feita por um trabalhador de uma empresa vizinha, ao fim de um dia no campo, enquanto eu caminhava da empresa até o ponto de ônibus (cerca de 1,5 km de distância). Quase sem pensar, respondi "sim!". Só depois me dei conta de como eu estava "impregnado" por aquele contexto, compartilhando algo daquele universo e experimentando algumas das singularidades da vida daqueles trabalhadores. Ter sido confundido com um trabalhador se revelou algo mais perturbador do que de fato uma mera confusão. Quem era eu ali? Eu estava sujo, empoeirado, usando as botinas fornecidas pela empresa, com uma roupa gasta e que no *meu* contexto cotidiano eu jamais usaria. Para além disso, estava exausto, *habitus-ado* ao ambiente fabril, ao barulho das máquinas, aos cheiros dos produtos químicos utilizados, às pessoas, às normas e valores daquele grupo, à sua "visão de mundo, de si mesmo e de mim". Por alguns instantes, não soube se a

resposta mais “verdadeira” seria “acadêmico” ou “trabalhador”, tamanha a *impregnação* que sentia. Por um lado, eu estava ali para *observar* e *analisar*, porém *compartilhar* e *experimentar* não era uma questão de escolha.

Pergunta crítica III – Pra que serve essa pesquisa?

Essa talvez tenha sido a pergunta mais comum durante todo o trabalho de campo. Ela foi feita mais corriqueiramente por volta do terceiro mês, quando as conversas entre os trabalhadores a respeito da minha presença haviam rumado para expectativas sobre possíveis modificações na empresa como consequência da pesquisa, algo que eu não podia controlar. Reforço que todos os cuidados foram tomados a fim de evitar criar tais expectativas, porém, minha simples presença produzia esse efeito. O desconforto que essa pergunta me causava dizia respeito em especial à *generatividade* da pesquisa. Por um lado, eu estava ali como “produtor de conhecimento”, ou seja, meu papel principal dizia respeito à *teorização* para, de algum modo, tentar contribuir com as discussões acadêmicas dentro das quais pretendia futuramente posicionar a pesquisa. Por outro lado, era impossível deixar de pensar nos trabalhadores e no seu quadro social e econômico, o que me levava a pensar que, de algum modo, deveria pensar meu potencial como “interventor”, e isso me dirigia para alguma *ação* mais concreta e local, mesmo não tendo vislumbrado qual poderia ser.

Pergunta crítica IV – Vai trazer o que de bom pra nós?

Essa pergunta surgia com frequência mais ao final do período em campo, ou em alguns momentos em que os trabalhadores, reunidos no intervalo do café da tarde, discutiam necessidades de melhorias na empresa e, "naturalmente", incumbiam a mim alguma responsabilidade sobre isso. O mesmo ocorria quando discutiam as condições de trabalho englobando a atividade produtiva no contexto do estado (Espírito Santo). O "nós" variava então entre "trabalhadores específicos desta empresa" e "trabalhadores deste ramo de atividade no estado". Nesses momentos, as possibilidades de *interferência* da pesquisa eram meu maior desconforto, indo desde a preocupação com algum tipo de modelo destinado à *aplicabilidade gerencial*, pensando a possibilidade de me posicionar futuramente como "consultor" daquele segmento industrial, até a preocupação com as características (problemáticas) da sua atividade produtiva no estado. Estas me remetiam à necessidade de *conscientização social*, a partir do que me via antes de tudo como "cidadão".

Pergunta crítica V – Você ganha o que com isso?

Essa aparente simples curiosidade dos trabalhadores era algo difícil de responder para mim mesmo. O que ganhamos com nossas pesquisas? Pelo menos

duas respostas sempre “lutavam” na minha mente: como futuro “pesquisador-profissional”, a resposta (honestamente, que hoje muitos escondem) era *empoderamento/carreirismo acadêmico*, já que, como sabemos, pesquisa é um modo de obter títulos e tamanho do *lattes* é ~~peder~~ documento. Em contraposição, a impregnação produzida em mim também sempre surtiu algum tipo de *engajamento substantivo*, o que me levava a buscar um posicionamento de “articulador” que, para completar a honestidade, não consegui de fato encontrar. Ainda não consegui vislumbrar qual poderia ser essa articulação, principalmente após terminar o Mestrado e me mudar para outro Estado. Hoje, esse drama da *pessoalidade* parece pelo menos se abrandar com a reflexividade que tem me guiado muito mais para o engajamento e qualidade na atividade de pesquisa do que para a quantidade.

Pergunta crítica VI – Cada cabeça é um mundo, não é?

Dentre todos os trabalhadores com os quais convivi durante a pesquisa, um deles mais me marcou. Nas muitas conversas que costumávamos ter, ele habitualmente repetia essa pergunta (e às vezes como pura afirmação): “cada cabeça é um mundo, não é”? A singeleza na entrelinha e na sua expressão quando dizia isso me provocavam sempre uma sensação de *insuficiência*, uma espécie de tomada de consciência brusca de que, não importa o quanto se estude



ou se pesquise, é impossível analisar, descrever, explicar, conceptualizar, categorizar ou narrar a realidade. O "objeto" trabalhador/trabalho, quando analisado no nível micro, revela-se um universo. Por um lado, isso me levava para um caminho de *desassimilação* teórica que, num extremo, me conduziria a um lugar de completo "cético", não fosse certa *parcimônia* que me prendia, por outro lado, ao lugar de eterno incompleto "aprendiz".

A partir da análise dessas vinhetas, elaborei as três proposições que apresento a seguir.

1) As disciplinas epistêmica e ergológica podem atuar em campo influenciando o pesquisador *de modo antagônico*, fazendo-o pender ao mesmo tempo para o Polo I (saberes acadêmicos) e para o Polo II (saberes investidos na atividade), e provocando as fissuras necessárias para a abertura dos espaços de possibilidades *entre* pesquisador e respondentes. Identifique seis modos antagônicos pelos quais cada uma das duas disciplinas atuou na minha experiência e as nomeei do seguinte modo: Influências epistêmicas: *entrave e distanciamento; observação e análise; teorização; aplicabilidade gerencial; empoderamento/carreirismo acadêmico; desassimilação*. Influências ergológicas: *fluidez e aproximação; compartilhamento e experimentação; ação; conscientização social; engajamento substantivo; parcimônia*.

II) O trânsito do pesquisador pelos polos do DD3P pode ocorrer a partir dos espaços de possibilidades *entre* pesquisador e respondentes. Identifiquei seis espaços abertos na minha experiência e os nomeei do seguinte modo: *deslocamento; impregnação; generatividade; interferência; pessoalidade; insuficiência*. Cada um desses espaços é respectivo às forças antagônicas anteriormente mencionadas, ou seja, aberto por elas.

III) Processos socráticos em duplo sentido podem ser percebidos pelo pesquisador como posicionamentos fluidos em bifurcações identitárias, experimentadas por ele enquanto permanece sob efeito antagônico das forças epistêmica e ergológica e, portanto, situado nos espaços de possibilidades *entre* pesquisador e respondentes. Respectivamente a cada um dos espaços anteriormente mencionados, identifiquei as seguintes bifurcações identitárias: *mestrando e morador de um "bairro nobre" X trabalhador e conterrâneo; acadêmico X trabalhador; produtor de conhecimento X interventor; consultor X cidadão; pesquisador-profissional X articulador; cético X aprendiz*.

O quadro a seguir representa, a partir de cada uma das perguntas críticas que me serviram de tema para elaboração das vinhetas, as três proposições que apresentei, bem como seus elementos constitutivos.

Quadro 1: Exemplo de Trânsito do Pesquisador pelos Polos do DD3P

Exemplo de Trânsito do Pesquisador pelos Polos do DD3P			
	Disciplina Epistêmica ←		Disciplina Ergológica →
Perguntas Críticas (feitas ao pesquisador durante o trabalho de campo)	Forças epistêmicas (pendem para o Polo I – saberes acadêmicos)	Abertura de espaços de possibilidades entre pesquisador e respondentes (posicionamentos fluidos em bifurcações identitárias perceptíveis no Polo III – reflexividade)	Forças ergológicas (pendem para o polo II – saberes da atividade)
<i>O que você faz e onde você mora?</i>	Entrave e Distanciamento ←	<u>Deslocamento</u> Mestrando e Morador de um "bairro nobre" Trabalhador e Conterrâneo	Fluidez e Aproximação →
<i>Você trabalha aí?</i>	Observação e Análise ←	<u>Impregnação</u> Acadêmico Trabalhador	Compartilhamento e Experimentação →
<i>Pra que serve essa pesquisa?</i>	Teorização ←	<u>Generatividade</u> Produtor de conhecimento Interventor	Ação →
<i>Vai trazer o que de bom pra nós?</i>	Aplicabilidade Gerencial ←	<u>Interferência</u> Consultor Cidadão	Conscientização Social →
<i>Você ganha o que com isso?</i>	Empoderamento/carreirismo acadêmico ←	<u>Pessoalidade</u> Pesquisador Profissional Articulador	Engajamento Substantivo →
<i>Cada cabeça é um mundo, não é?</i>	Desassimilação ←	<u>Insuficiência</u> Cético Aprendiz	Parcimônia →

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir da análise exposta, indico a seguir algumas implicações e sugiro futuras discussões para rever, melhor esclarecer e aprofundar, ou mesmo contestar as ideias que adiante busco fixar.

## IMPLICAÇÕES PARA A ABORDAGEM ERGOLÓGICA

As discussões acerca do DD3P têm sido feitas de modo predominantemente representativo. Resgatar algumas delas (BRITO; ARANHA, 2011; HOLZ, 2013; HOLZ; BIANCO, 2014a) bastaria para exemplificar o modo como conceitos, fundamentações e proposições tem sido assimilados e reforçados por pesquisadores a partir do discurso ergológico de modo predominantemente denotativo, em que o envolvimento e a performatividade do pesquisador têm permanecido ocultos. Relatos como o de Bianco (2014b), Holz (2014) e Petrus, Cunha e Rabelo (2014) são raros e incipientes. Isso bastaria para defendermos a necessidade de maior esclarecimento acerca de como o DD3P tem sido vivenciado, quais as dificuldades e as possibilidades decorrentes dos seus enfrentamentos e quais direcionamentos podem ser dados na busca pelo exercício real do desconforto intelectual.

### Vivenciar para dialogar

Um possível direcionamento é o pesquisador buscar compreender como vivenciou o seu trânsito pelos três polos do DD3P, analisando reflexivamente sua experiência de pesquisa com as seguintes perguntas em mente: I) de que modo vivenciei a influência das forças da disciplina epistêmica e da disciplina ergológica? II) de que modo transitei pelos três polos do DD3P? III) de que modo experimentei os processos socráticos de duplo sentido?

Se concordamos que a primeira e grande lição para compreender a relevância do que Yves Schwartz denomina Dispositivo Dinâmico de Três Polos (SCHWARTZ, 2000, 2001, 2002, 2004; SCHWARTZ; DUC; DURRIVE, 2010) é que sua função maior é colocar em diálogo os saberes acadêmicos e os saberes da atividade investida, *pele trânsito em seus "polos", estes constituídos por lugares virtuais da realidade coletiva* (TRINQUET, 2010, *grifo meu*), buscar compreender o trânsito do pesquisador pelos lugares virtuais da realidade social em sua prática de pesquisa parece um caminho profícuo. Trata-se de um exercício constante, algo a ser praticado, experimentado pelo pesquisador nas relações que estabelece com o contexto da pesquisa e com os participantes, e não apenas como um aparato conceitual ou um conjunto de regras e procedimentos a serem aprendidos previamente –

correndo o risco de não passarem de uma figuração para avolumar revisões de literatura.

Uma análise de artigos de pesquisas de base ergológica realizadas no Brasil, conforme resgatei anteriormente, é suficiente para evidenciar a relevância (e urgência) dessa discussão. Para tanto, é necessário explorar a reflexividade e abandonar a lógica tradicional das seções sobre “aspectos metodológicas” em artigos e publicações como pura descrição de técnicas e procedimentos e explorar reflexivamente as vivências do pesquisador a fim de encontrar novos modos de investigação, capazes de nos conduzir, de fato, ao que Schwartz (2001) chama de retrabalho dos saberes e valores rumo a futuros inantecipáveis, e ao que Durrive (2011) chama de renovação dos saberes formais e disciplinares e transformação dos meios de vida. Aqui, ofereci e exemplifiquei um possível modo de análise da vivência do DD3P e reafirmo seu principal intuito: vivenciar para dialogar.

### Transitar para desestabilizar

A partir da análise que expus, no que diz respeito à pesquisa de abordagem ergológica, argumento ainda que a vivência do DD3P pelo pesquisador e seu trânsito pelos três polos pode se dar do seguinte modo: I) As disciplinas epistêmica

e ergológica podem atuar em campo influenciando o pesquisador de modo antagônico, fazendo-o pender ao mesmo tempo para o Polo I (saberes acadêmicos) e para o Polo II (saberes investidos na atividade), e provocando as fissuras necessárias para a abertura dos espaços de possibilidades *entre* pesquisador e respondentes; II) O trânsito do pesquisador pelos polos do DD3P pode ocorrer a partir dos espaços de possibilidades *entre* pesquisador e respondentes; III) processos socráticos em duplo sentido podem ser percebidos pelo pesquisador como posicionamentos fluidos em bifurcações identitárias, experimentadas por ele enquanto permanece sob efeito antagônico das forças epistêmica e ergológica e, portanto, situado nos espaços de possibilidades *entre* pesquisador e respondentes.

Com essas proposições, não pretendo formular algum modelo, mas "torcer os conceitos", para usar uma expressão de Schwartz (2002), do próprio DD3P, a fim de aproximá-los o máximo possível da prática do pesquisador. A relevância dessas proposições está nesse seu caráter inédito em "torcer os conceitos" do próprio DD3P, nas exemplificações empíricas que traz e no seu potencial de inspiração para a atividade de outros pesquisadores. A importância de colocarmos essas questões como tema para debate coletivo se dá principalmente porque relações de poder são construídas dentro das práticas de pesquisa, e a manutenção da

distância entre pesquisador e pesquisados é uma função de *inatenção* para a microfísica do poder dentro da relação de pesquisa (WRAY; BLISS, 2003).

Esse é um ponto a partir do qual posteriormente podemos explorar melhor aquilo que, talvez, Schwartz (2011b, p. 166) tentou reforçar ao afirmar que “uma vez que se transitou algum tempo pelo que se chamou de dispositivo dinâmico de três polos, a questão do poder não se coloca como antes”; e, ainda, aquilo que Holz e Bianco (2014b), talvez, sugeriram ao afirmar que a Ergologia pode ser capaz de instaurar uma nova discursividade no âmbito de estudos sobre trabalho no Brasil, especulando-a como

[...] uma discursividade que, ao ter como prerrogativa o que chama de dispositivo dinâmico de três polos, vem fundar, logo na sua gênese, a coparticipação daquilo que outrora ocupava o posto de objeto de estudo – na pessoa do trabalhador – no ato mesmo de estudar, e assim não apenas restitui a si mesma seu caráter de acontecimento, como também viabiliza novas configurações na relação entre saber e poder (HOLZ; BIANCO, 2014b, p. 170).

Aqui, ofereci e exemplifiquei um possível modo de análise do trânsito do pesquisador pelos polos do DD3P, e que talvez traga algumas respostas iniciais também para esses dois questionamentos.



Com base na análise do trânsito do pesquisador pelos polos do DD3P, argumento que ele tem o potencial de colocar em evidência o caráter múltiplo e agente das identidades de pesquisador e pesquisados, e de auxiliar na compreensão da natureza fluida do posicionamento do pesquisador em campo. Assim, reafirmo que o principal intuito de transitar por esses polos é provocar desestabilizações – e também ou principalmente no próprio “pesquisador”.

### IMPLICAÇÕES PARA A PESQUISA QUALITATIVA EM ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

Além de pesquisas qualitativas em estudos organizacionais que tenham como perspectiva teórico-metodológica a ergologia, e de pesquisas de abordagem ergológica provenientes de outros campos de estudos, cabem os seguintes apontamentos relevantes também para a pesquisa qualitativa em estudos organizacionais orientadas por outras tradições.

#### *Atentar-se para a inatenção*

Turner e Norwood (2013, p. 710) fazem um importante alerta: “nós devemos aceitar que ao dissolver barreiras da pesquisa mais tradicional, nós não apenas obtemos acesso mais substancial aos participantes, mas também eles a nós. Não há uma lente unidirecional entre pesquisadores qualitativos e seus participantes [...]”. Apesar disso, uma vez que uma tal lente seja criada discursivamente pelo uso

de metodologias predominantemente objetivistas, e preservada pela realização de pesquisa como reaplicação de técnicas/métodos, ela passa a ter um importante papel na manutenção de antigas dicotomias.

Essas dicotomias, como sujeito-objeto, pesquisador-pesquisados e observador-participante performam suas estruturas no e a partir do discurso acadêmico, não sendo, portanto, naturalmente intrínsecas à prática da pesquisa qualitativa, mas co-construídas a partir das interações e relações nela estabelecidas (ALCADIPANI *et al.*, 2015; CUNLIFFE; KARANANAYAKE, 2013; FINE, 1994; MAHADEVAN, 2011; TURNER; NORWOOD, 2013; WAGLE; CANTAFFA, 2008).

É importante evidenciar essas relações como construções discursivas e explorar suas consequências porque elas fazem parte da complexidade da criação de conhecimento na pesquisa qualitativa, e analisá-las pode nos levar a diferentes formas de pesquisa, mais criativas, reflexivas e incrustadas no contexto social (TURNER; NORWOOD, 2013). Além disso, podem ajudar a nos conscientizar, com maior especificidade, de que, como demonstrou Foucault (2007, p. 516), “todo conhecimento se enraíza numa vida, numa sociedade, numa linguagem que tem uma história, e, nesta história mesma, ele encontra o elemento que lhe permite comunicar-se com outras formas de vida, outros tipos de sociedade”.

Apesar de escassas, análises dessa natureza (ALCADIPANI *et al.*, 2015; CUNLIFFE; KARANANAYAKE, 2013; FINE, 1994; MAHADEVAN, 2011; TURNER; NORWOOD, 2013; WAGLE; CANTAFFA, 2008) têm sido realizadas. Sumariando, esses autores descrevem e exemplificam empiricamente as seguintes características da relação pesquisador-pesquisado: ela é dialógica, relacional, co-construída, fluida, múltipla, emergente e agente.

Considerando que, em geral, esses autores são pesquisadores experientes, aqui, a partir da análise reflexiva que realizei, chamo atenção para o seguinte ponto ainda pouco evidente: para os pesquisadores iniciantes que querem engajar-se em modos de pesquisa mais criativos, reflexivos e incrustados no contexto social, o primeiro ponto é atentar-se para a própria *inatenção*, entendida não como "ausência natural de atenção", mas como consequência política das relações saber/poder que eles incorporam pela formação acadêmica objetivista e a partir das quais performam na prática de pesquisa e produção de conhecimento, não sem consequências para a prática organizacional. Dito de outro modo: como pesquisadores "dos Outros", precisamos primeiramente nos atentarmos à nossa própria *inatenção*.

### Investigar a partir de posicionamentos fluidos em bifurcações identitárias

Se identidade é vista como fluida e socialmente construída em contextos específicos, e seus aspectos são vistos não como elementos fixos ou estabelecidos antes do engajamento entre pesquisador e pesquisados, mas no próprio processo da pesquisa (ALCADIPANI *et al.*, 2015), podemos argumentar que as flutuações identitárias do pesquisador em campo podem e devem ser exploradas como um modo de investigação, desde que seja exercida reflexividade, e como possível caminho na busca conjunta por elevação da qualidade da prática da pesquisa qualitativa em estudos organizacionais.

Chamar atenção para essa possibilidade, para não dizer necessidade, é importante porque, conforme pontuam Cunliffe e Karananayake (2013) e Alcadipani e outros (2015), artigos abordando relações de pesquisa e posicionamento são relativamente raros dentro dos estudos organizacionais e de gestão, apesar de dizerem respeito a dimensões políticas da prática da pesquisa qualitativa e produção de conhecimento. Aqui, busquei contribuir com a propagação desse tipo de discussão ao analisar e exemplificar algumas possibilidades.

Além disso, a relevância da análise que expus, para este campo, no Brasil, se dá principalmente tendo em vista a carência de variedade de modos de

investigação e produção de dados, a quase ausência da reflexividade, o predomínio do objetivismo e da ideia de neutralidade, a aceitação generalizada das seções de "aspectos metodológicos" como indicações quase puramente técnicas, e ainda o baixo potencial de impacto (acadêmico e social) da maioria das publicações, características estas que em muito decorrem dos já apontados problemas da produção nacional de conhecimento nesse campo (ALCADIPANI, 2011a; 2011b; BERTERO *et al.*, 2013).

É importante remarcar ainda que análises reflexivas não se tratam de um espelho de vaidade: o objetivo não é descrever ou analisar o pesquisador em si (como pessoa), mas suas assunções na prática da pesquisa, aquilo que toma como óbvio, os discursos entre os quais constrói essa identidade e a partir dos quais performa, e ainda as relações que estabelece e que em geral são ocultadas ou naturalizadas. Não se trata de um modo de afirmar-se como "alguém que sabe mais ou melhor" por ser reflexivo, mas sim de rever as próprias possibilidades e condições de saber, situá-las, expor e contextualizar sua construção. A necessidade ética de fazer isso se dá porque todo conhecimento é situado e emerge de um lugar em relações de poder (FOUCAULT, 1998).

Se identidades são constituídas por múltiplas variedades discursivas (WATSON, 2008) que estabelecem relações no campo, e não apenas por aquelas levadas

pelo/no pesquisador com o discurso acadêmico, explorar essas relações pode ajudá-lo ainda a descobrir os mistérios do campo (ALVESSON; KARREMAN, 2007) e a construir suas subseqüentes resoluções.

Assim, a partir da análise reflexiva que realizei, chamo atenção também para o seguinte ponto: buscar resistir, ao menos parcialmente e na medida do possível, à *inatenção* do pesquisador, é algo que pode ser praticado conduzindo-se a pesquisa não apenas a partir do posicionamento identitário de “pesquisador”, mas a partir de posicionamentos fluidos em bifurcações identitárias. Dito de outro modo: é possível pensar posicionamentos fluidos em bifurcações identitárias como um modo de investigação capaz de superar as antigas dicotomias e nos levar a diferentes formas de pesquisa, mais criativas, reflexivas, éticas e incrustadas no contexto social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Anteriormente estabeleci algumas relações entre discussões diversas sobre pesquisa qualitativa em estudos organizacionais e ergologia, e indiquei que a pesquisa qualitativa em estudos organizacionais e a abordagem ergológica possuem em comum as seguintes demandas: recolocar o trabalho em foco; reescrever o trabalho; analisar o que e como as pessoas fazem enquanto

trabalham; romper barreiras disciplinares; e exercer a reflexividade. Com base na análise que realizei, acrescento agora que a Ergologia, se pensada como abordagem teórico-metodológica a ser vivenciada pelo pesquisador, vai também ao encontro dos estudos organizacionais no processo de desestabilização de dicotomias que, apesar de antigas, ainda são prevaletentes, como pesquisador-pesquisado, sujeito-objeto e observador-participante. Desestabilizá-las é importante porque elas se constituem a partir de relações saber/poder, e isso é possível quando o pesquisador busca vivenciar para dialogar e transitar para desestabilizar.

Estabeleci também algumas relações entre discussões diversas especificamente sobre pesquisa qualitativa em estudos organizacionais e indiquei alguns *insights* a respeito das demandas, senão imperativos, que doravante e cada vez com mais veemência, farão parte do cotidiano de quem se dedica à prática de pesquisa qualitativa em estudos organizacionais, em especial da geração atualmente em formação: será preciso que tenhamos critérios mais claros para avaliar as múltiplas qualidades do qualitativo, não apenas fora dos domínios do saber quantitativo, mas considerando a complexidade do processo criativo incrustado no contexto; será preciso que haja pluralismo na criatividade de manuseio dos métodos, e que reconheçamos definitivamente e igualmente o valor de diferentes orientações ou tradições de pesquisa, e não apenas como "formas

alternativas”, haja vista que tachar algo de “alternativo” reforça a estrutura que a coloca como inferior; será preciso que questionemos constantemente as *nossas próprias* assunções (e não mais apenas as alheias), uma vez que co-construímos aquilo que dizemos estudar, e isso independe do objetivismo que possamos pretender; será também preciso que levantemos questões fundamentais sobre nossa habilidade de, como pesquisadores, capturar a complexa, interacional e emergente natureza da nossa experiência social, buscando introspecções acerca de como constituímos conhecimento e realidade em um continuum objetividade-subjetividade-intersubjetividade; e precisaremos, ainda, desconstruir reflexivamente, e cada vez com mais ênfase, a tradicional noção de objetividade no papel do pesquisador, para abrir espaços para abordagens relacionais reflexivas; será preciso também que busquemos diálogos generativos e que coloquemos fim aos cômodos “posicionamentos paradigmáticos”, legitimados por uma epistemologia aduaneira que se ocupa em fiscalizar a passagem para diferentes ilhas de significação mais do que em construir pontes via *traduções*; e tudo isso será pouco frutífero se não prezarmos mais pelo rigor e qualidade na prática da pesquisa, e se não buscarmos provocar impacto social. Com base na análise que realizei, acrescento agora que será preciso também que nos atentemos para nossa *inatenção*, e que investiguemos a partir de posicionamentos fluidos em bifurcações identitárias.



### Para que (e a quem) servem nossas pesquisas?

Recolocar essa pergunta, incessantemente, não para privilegiar pesquisas que buscam resultados imediatos ou utilitaristas, mas para conscientizar aqueles que se dedicam à esta prática da necessidade de o fazer com rigor, aderência ao contexto social e reflexividade.

Recolocar essa pergunta, incessantemente, para criar espaços em que se possa fazer ouvir "a voz e a linguagem do campo", revelar aquilo que para ele é central e urgente e que está fora dos objetivos prévios da pesquisa e/ou do discurso acadêmico, num movimento socrático de renovação dos conceitos e saberes e de transformação dos meios de vida.

Recolocar essa pergunta, incessantemente, para lembrar que a prática da pesquisa é uma atividade humana, situada local e temporalmente e, por isso, atravessada por valores, e para reafirmar que o conhecimento precisa ser desenvolvido com rigor, relevância e impacto social.

Recolocar essa pergunta, incessantemente, como um convite principalmente aos novos pesquisadores: iniciemos nossa "carreira acadêmica" explorando e compartilhando formas de resistir à lógica da produtividade como quantidade

para instaurar a lógica da qualidade, e nos dediquemos ao rigor e reflexividade da pesquisa qualitativa exercida como um ofício socialmente construído, incrustado, relevante e impactante.

## REFERÊNCIAS

AGAR, M. Literary journalism as ethnography: Exploring the excluded middle. In: VAN MAANEM, J. (Ed.). Representation in ethnography. Thousand Oaks: Sage, 1995. p. 112-129.

ALCADIPANI, R. Academia e a fábrica de sardinhas. Organizações & Sociedade, Salvador, v. 18, n. 57, p. 345-348, abr./jun. 2011a.

ALCADIPANI, R. Resistir ao produtivismo: uma ode à perturbação acadêmica. Cadernos EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 1174-1178, dez. 2011b.

ALCADIPANI, R.; TONELLI, M. J. Violência e masculinidade nas relações de trabalho: imagens do campo em pesquisa etnográfica. Cadernos EBAPE. BR, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 93-110, mar. 2010.

ALCADIPANI, R.; WESTWOOD, R.; ROSA, A. The politics of identity in organizational ethnographic research: ethnicity and tropicalist intrusions. *Human relations*, New York, v. 68, n. 1, p. 79-106, Sep. 2015.

ALTHEIDE, D. L.; JOHNSON, J. M. Criteria for assessing interpretive validity in qualitative research. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.). *The sage handbook of qualitative research*. 2. ed. Newbury Park: Sage, 1994, p. 485-499.

ALVESSON, M. Do we have something to say? From re-search to rei-search and back again. *Organization*, London, v. 20, n. 1, p. 79-90, Jan. 2013.

ALVESSON, M.; KARREMAN, D. Varieties of discourse: on the study of organizations through discourse analysis. *Human relations*, New York, v. 53, n. 9, p. 1125-1149, Sep. 2000.

ALVESSON, M.; SANDBERG, J. *Academy of Management Review*, Briarcliff Manor, v. 36, n. 2, p. 247-271, Apr. 2011.

ALVESSON, M.; SKÖLDBERG, K. *Reflexive methodology: new vistas for qualitative research*. London: Sage, 2009. 360 p.

ANDERSON, L. Analytic autoethnography. *Journal of Contemporary Ethnography*, Thousand Oaks, v. 35, n. 4, p. 373-395, Aug. 2006.

ATHAYDE, M.; BRITO, J. Ergologia e clínica do trabalho. In: BENDASSOLLI, P. F.; SOBOLL, L. A. P. (Org.). *Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade*. São Paulo: Atlas, 2011. p. 258-281.

BANSAL, P. ; CORLEY, K The coming of age for qualitative research: Embracing the diversity of qualitative methods. *Academy of Management Journal*, Briarcliff Manor, v. 54, n. 2, p. 233-237, Apr./June 2011.

BARLEY, S. R.; KUNDA, G. Bringing work back in. *Organization science*, Hanover, v. 12, n. 1, p. 76-95, Jan./Feb. 2001.

BARLEY, S. R.; KUNDA, G. Design and devotion: surges of rational and normative ideologies of control in managerial discourse. *Administrative Science Quarterly*, Ithaca, v. 37, n. 3, p. 363-399, Sep. 1992.

BERTERO, C. O.; ALCADIPANI, R.; CABRAL, S.; FARIA, A.; ROSSONI, L. Os desafios da produção de conhecimento em administração no Brasil. *Cadernos EBAPE. BR*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 181-196, mar. 2013.

BIANCO, M. F. (Org). Competências e gestão: dialogando com o trabalho e decifrando suas conexões. Vitória: Proex/UFES, 2014a. 180 p.

BIANCO, M. F. A valorização dos saberes no trabalho de processamento industrial de rochas ornamentais. In BIANCO, M. F. (Org). Competências e gestão: dialogando com o trabalho e decifrando suas conexões. Vitória: Proex/UFES, 2014b. p. 15-38.

BIANCO, M. F.; BINDA, J.; SOUZA, E. M. O trabalho dos agentes comunitários de saúde em evidência: uma análise com foco na atividade. Saúde e Sociedade. São Paulo, v. 22, n. 2, p. 389-402, 2013.

BRAVERMAN, H. Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX. Guanabara, 1987. 384 p.

BRITO, J.; ARANHA, A. V. S. A construção metodológica na pesquisa sobre atividade de trabalho a partir da abordagem ergológica. Trabalho & Educação, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 85-101, jan./abr. 2011.

CALAS, M. B.; SMIRCICH, L. Past postmodernism? Reflections and tentative directions. Academy of Management Review, Briarcliff Manor, v. 24, n. 4, p. 649-672, Oct./Dec. 1999.

CANNELLA, A. A.; PAETZOLD, R. L. Pfeffer's barriers to the advance of organizational science: A rejoinder. *Academy of Management Review*, Briarcliff Manor, v. 19, n. 2, p. 331-341, Apr./June 1994.

CHEN, Y. T.; DULTRA-DE-LIMA, R. G.; PRETTO, K. Análise qualitativa das publicações nacionais e internacionais em etnografias em administração e estudos organizacionais. *Administração: Ensino e Pesquisa*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 211-247, abr./jun. 2013.

CLIFFORD, J.; MARCUS, G. E. *Writing culture: the poetics and politics of ethnography: a School of American Research advanced seminar*. Oakland: University of California Press, 1986. 336 p.

COOPER, R. Organization/disorganization. In: HASSARD, J.; PYM, D. (Ed.). *The theory and philosophy of organizations*. London: Routledge, 1990. p. 167-197.

CUNLIFFE, A. L. Crafting qualitative research: Morgan and Smircich 30 years on. *Organizational Research Methods*, Thousand Oaks, v. 14, n. 4, p. 647-673, 2010.

CUNLIFFE, A. L. On becoming a critically reflexive practitioner. *Journal of Management Education*, Thousand Oaks, v. 28, n. 4, p. 407-426, Aug. 2004.

CUNLIFFE, A. L. Reflexive inquiry in organizational research: questions and possibilities. *Human Relations*, New York, v. 56, n. 8, p. 983-1003, 2003.

CUNLIFFE, A. L. Social poetics as management inquiry: a dialogical approach. *Journal of Management Inquiry*, Thousand Oaks, v. 11, n. 2, p. 128-146, June 2002.

CUNLIFFE, A. L.; KARUNANAYAKE, G. Working within hyphen-spaces in ethnographic research implications for research identities and practice. *Organizational Research Methods*, Thousand Oaks, v. 16, n. 3, p. 364-392, 2013.

CZARNIAWSKA, B. Who is afraid of incommensurability? *Organization*, London, v. 5, n. 2, p. 273-275, May 1998.

DADDS, M. Empathetic validity in practitioner research. *Educational Action Research*, New York, v. 16, n. 2, p. 279-290, 2008.

DERRIDA, J. *Margins of philosophy*. Chicago: University of Chicago Press, 1982. 330 p.

DERRIDA, J. *Of grammatology*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1974. 456 p.

DURAFFOURG, J.; DUC, M.; DURRIVE, L. O trabalho e o ponto de vista da atividade. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). *Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010. p. 47-87.

DURRIVE, L. A atividade humana, simultaneamente intelectual e vital: esclarecimentos complementares de Pierre Pastré e Yves Schwartz. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 9, supl. 1, p. 47-67, 2011.

DURRIVE, L.; SCHWARTZ, Y. Revisões temáticas: glossário da Ergologia. *Laboreal*, Porto, v. 4, n. 1, p. 23-28, 2008.

ELLIS, C. S.; BOCHNER, A. P. Analyzing analytic autoethnography an autopsy. *Journal of Contemporary Ethnography*, Thousand Oaks, v. 35, n. 4, p. 429-449, Aug. 2006.

FINE, M. Working the hyphens: reinventing self and other in qualitative research. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage, 1994. p. 70-82.



FOUCAULT, M. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 568 p.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France. São Paulo: Loyola, 1998. 80 p.

FOUCAULT, M. The history of sexuality: an introduction. New York: Vintage, 1980. v. 1. 168 p.

FOUCAULT, M. Discipline and punish. New York: Vintage, 1979. 333 p.

FOUCAULT, M. What is an author? In: BOUCHARD, D. F. (Ed.). Language, counter-memory, practice: selected essays and interviews. New York: Cornell University Press, 1977. p. 113-138.

GARFINKEL, H. Studies in ethnomethodology. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1967. 304 p.

GEPHART, R. P. Qualitative research and the Academy of Management Journal. Academy of Management Journal, Briarcliff Manor, v. 47, n. 4, p. 454-462, Aug. 2004.

GERARD, G.; ELLINOR, L. Dialogue at work: skills for leveraging collective understanding. Williston: Pegasus, 2001. 16 p.

GERGEN, K. J.; GERGEN, M. M.; BARRETT, F. J. Dialogue: life and death of the organization. In: GRANT, D. The Sage handbook of organizational discourse. London: Sage, 2004. p. 39-59.

GOULDNER, A. W. The coming crisis of western sociology. New York: Basic Books, 1970. 288 p.

GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. Paradigmatic controversies, contradictions, and emerging confluences. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN Y. S. (Ed.). The sage handbook of qualitative research. 3. ed. Newbury Park: Sage, 2005. p. 191-216.

HIBBERT, P.; SILLINCE, J.; DIEFENBACH, T.; CUNLIFFE, A. L. Relationally reflexive practice a generative approach to theory development in qualitative research. *Organizational Research Methods*, London, v. 17, n. 3, p. 278-298, 2014.

HOLZ, E. B. A competência industriosa como potencializador da pesquisa qualitativa. In: BIANCO, M. F. (Org.), *Competências e gestão: dialogando com o trabalho e decifrando suas conexões*. Vitória, PROEX/UFES, 2014. p. 71-107.

HOLZ, E. B. Dispositivo dinâmico de três polos e metodologia geral em ciências sociais: discutindo uma analogia. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 155-167, maio/ago. 2013.

HOLZ, E. B.; BIANCO, M. F. Ergologia: uma abordagem possível para os estudos organizacionais sobre trabalho. *Cadernos EBAPE. BR*, Rio de Janeiro, v. 12, p. 494-512, ago. 2014a.

HOLZ, E. B.; BIANCO, M. F. O conceito de trabalho na ergologia: da representação à atividade. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 157-173, maio/ago. 2014b.

HÖPFL, H. Learning by heart: the rules of rhetoric and the poetics of experience. *Management Learning*, London, v. 25, n. 3, p. 463-474, Sep. 1994.

HUMPHREYS, M. Getting personal: reflexivity and autoethnographic vignettes. *Qualitative Inquiry*, London, v. 11, n. 6, p. 840-860, Dec. 2005.

JASANOFF, S. (Ed.). *States of knowledge: the co-production of science and the social order*. London: Routledge, 2004. 317 p.

KAGHAN, W.; PHILLIPS, N. Building the tower of Babel: Communities of practice and paradigmatic pluralism in organization studies. *Organization*, London, v. 5, n. 2, p. 191-215, May 1998.

LATHER, P. Issues of validity in openly ideological research: Between a rock and a soft place. *Interchange*, Toronto, v. 17, n. 4, p. 63-84, Winter 1986.

LIMA, E. L. N.; BIANCO, M. F. Análise de situações de trabalho: gestão e os usos de si dos trabalhadores em uma empresa do ramo petrolífero. *Cadernos EBAPE. BR*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, p. 629-648, dez. 2009.

LIMA, G. M. R.; WOOD JR., T. The social impact of research in business and public administration. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 54, n. 4, p. 458-463, jul./ago. 2014.

LINCOLN, Y. S.; LYNHANM S.; GUBA, E. G. Paradigms and perspectives in contention. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.). *The SAGE handbook of qualitative research*. 4. ed. Thousand Oaks: Sage, 2011. p. 97-128.

LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. *Naturalistic inquiry*. Newbury Park: Sage, 1985. 414 p.

LYOTARD, J.-F. La condition postmoderne. Paris: Les éditions de Minuit, 1979. 109 p.

MAHADEVAN, J. Reflexive guidelines for writing organizational culture. *Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal*, Bingley, v. 6, n. 2, p. 150-170, 2011.

MARCUS, G. E.; FISCHER, M. Anthropology as cultural critique: an experimental moment in the human sciences. Chicago: University of Chicago Press, 1986. 228 p.

MARTIN, J.; FROST, P. The organizational culture war games. In: GODWYN, M. E.; GITTELL, J. H. (Ed.). *Sociology of organizations: structures and relationships*. Sage, 2011. p. 315-336.

MERLEAU-PONTY, M. *Signs*. Evanston: Northwestern University Press, 1964. 355 p.

MEZADRE, S. B.; BIANCO, M. F. Polishing knowledge: a study of marble and granite processing. *Brazilian Administration Review*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 302-322, July/Sep. 2014.

MCKINLEY, W.; MONE, M. A. The re-construction of organization studies: wrestling with incommensurability. *Organization*, London, v. 5, n. 2, p. 169-189, May 1998.

NOWOTNY, H.; SCOTT, P.; GIBBONS, M. T. Re-thinking science: knowledge and the public in an age of uncertainty. Cambridge: Polity, 2001. 288 p.

PALMER, I.; BENVENISTE, J.; DUNFORD, R. New organizational forms: towards a generative dialogue. *Organization Studies*, London, v. 28, n. 12, p. 1829-1847, 2007.

PETRUS, A. M. F.; CUNHA, D. M.; RABELO, L. B. C. Conexões de saberes sobre o trabalho: diálogos (im)possíveis sobre saúde e segurança no setor mineral. In: BIANCO, M. F. (Org.), *Competências e gestão: dialogando com o trabalho e decifrando suas conexões*. Vitória: Proex/UFES, 2014. p. 39-58.

PETTIGREW, A. M. Scholarship with impact. *British Journal of Management*, London, v. 22, n. 3, p. 347-354, Sep. 2011.

PETTIGREW, A. M. Management research after modernism. *British Journal of Management*, London, v. 12, n. s1, p. S61-S70, Dec. 2001.

PFEFFER, J. Barriers to the advance of organizational science: Paradigm development as a dependent variable. *Academy of Management Review*, Briarcliff Manor, v. 18, n. 4, p. 599-620, Oct. 1993.

PRASAD, P. *Crafting qualitative research: working in the postpositivist traditions*. London: Routledge, 2005. 352 p.

RICHARDSON, L. Writing: a method of inquiry. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN Y. S. (Ed.). *The sage handbook of qualitative research*. 2. ed. Thousand Oaks: Sage, 2000. p. 929-948.

SANTOS, E. H. Incorporação da ergologia no brasil: avanços, limites e perspectivas. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 27-43, set./dez. 2012.

SCHERER, A. G. Pluralism and incommensurability in strategic management and organization theory: a problem in search of a solution. *Organization*, London, v. 5, n. 2, p. 147-168, May 1998.

SCHWARTZ, Y. O enigma do trabalho: riscos profissionais e riscos do trabalho. In BIANCO, M. F. (Org). *Competências e gestão: dialogando com o trabalho e decifrando suas conexões*. Vitória: Proex/UFES, 2014, p. 59-70.

SCHWARTZ, Y. Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 9, supl. 1, p. 19-45, 2011.

SCHWARTZ, Y. A dimensão coletiva do trabalho e as Entidades Coletivas Relativamente Pertinentes (ECRP). In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010a. p. 147-164.

SCHWARTZ, Y. A experiência é formadora? Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 35-48, 2010b.

SCHWARTZ, Y. A trama e a urdidura. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010c. p. 103-109.

SCHWARTZ, Y. Reflexão em torno de um exemplo de trabalho operário. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010d. p. 37-46.



SCHWARTZ, Y. Uso de si e competência. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010e. p. 205-221.

SCHWARTZ, Y. Circulações, dramáticas, eficácias da atividade industriosa. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 33-35, mar. 2004.

SCHWARTZ, Y. Disciplina epistêmica, disciplina ergológica – paidéia e politeia. Pro-Posições, Campinas, v. 13, n. 1, p. 126- 149, jan./abr. 2002.

SCHWARTZ, Y. Ergonomia, filosofia e exterritorialidade. In: DANIELLOU, F. (Coord.). A ergonomia em busca dos seus princípios: debates epistemológicos. São Paulo: Edgard Blüncher, 2001. p. 141-180.

SCHWARTZ, Y. A comunidade científica ampliada e o regime de produção de saberes. Belo Horizonte: Trabalho e Educação, Belo Horizonte, n. 7, p. 38-46, jul./dez 2000a.

SCHWARTZ, Y. Trabalho e uso de si. Pro-Posições, Campinas, v. 1, n. 5, p. 34-50, jul. 2000b.

SCHWARTZ, Y.; DUC, M.; DURRIVE, L. A linguagem em trabalho. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010a. p. 131-148.

SCHWARTZ, Y.; DUC, M.; DURRIVE, L. O homem, o mercado e a cidade. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010b. p. 247-273.

SCHWARTZ, Y.; DUC, M.; DURRIVE, L. Técnicas e competências. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010c. p. 85-102.

SCHWARTZ, Y.; DUC, M.; DURRIVE, L. Trabalho e Ergologia. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010d. p. 25-36.

SCHWARTZ, Y.; DUC, M.; DURRIVE, L. Trabalho e uso de si. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010e. p. 189-204.

SPENDER, J.-C. Pluralist epistemology and the knowledge-based theory of the firm. *Organization*, London, v. 5, n. 2, p. 233-256, May 1998.

TONELLI, M. J. Sentidos do tempo e do tempo de trabalho na vida cotidiana. *Organizações & Sociedade*, Salvador, v. 15, n. 45, p. 207-217, abr./jun. 2014.

TONELLI, M. J.; ALCADIPANI, R. O trabalho dos executivos: a mudança que não ocorreu. *Comportamento Organizacional e Gestão*, Lisboa, v. 10, n. 1, p. 87, 2003.

TONELLI, M. J.; BETIOL, M. I. S. Mulher executiva e suas relações de trabalho. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 31, n.4, p. 17-33, out./dez. 1991.

TONELLI, M. J.; MORIN, E.; PLIOPAS, A. L. V. O trabalho e seus sentidos. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 19, número especial, p. 47-56, 2007.

TRACY, S. J. Qualitative quality: eight "big-tent" criteria for excellent qualitative research. *Qualitative inquiry*, London, v. 16, n. 10, p. 837-851, Oct. 2010.

TRACY, S. J.; RIVERA, K. D. Endorsing equity and applauding stay-at-home moms: how male voices on work-life reveal aversive sexism and flickers of

transformation. *Management Communication Quarterly*, Thousand Oaks, v. 24, n. 1, p. 3-43, Feb. 2009.

TRACY, S. J.; SCOTT, C. Sexuality, masculinity, and taint management among firefighters and correctional officers getting down and dirty with "America's heroes" and the "scum of law enforcement". *Management Communication Quarterly*, Thousand Oaks, v. 20, n. 1, p. 6-38, Aug. 2006.

TRAGTENBERG, M. *Burocracia e ideologia*. São Paulo: Ática, 1977. 282 p.

TRINQUET, P. Trabalho e educação: o método ergológico. *Revista HISTEDBR*, Campinas, v. 10, n. número especial, p. 93-113, ago. 2010.

TURNER, P. K.; NORWOOD, K. M. Body of research impetus, instrument, and impediment. *Qualitative Inquiry*, London, v. 19, n. 9, p. 696-711, Nov. 2013.

VAN MAANEN, J. Fear and loathing in organization studies. *Organization Science*, Hanover, v. 6, n. 6, p. 687-692, Nov./Dec. 1995.

WAGLE, T; CANTAFFA, D. T. Working our hyphens exploring identity relations in qualitative research. *Qualitative Inquiry*, London, v. 14, n. 1, p. 135-159, Jan. 2008.

WATSON, T. J. Managing identity: identity work, personal predicaments and structural circumstances. *Organization*, London, v. 15, n. 1, p. 121-143, Jan. 2008.

WATSON, T. J. Rhetoric, discourse and argument in organizational sense making: A reflexive tale. *Organization Studies*, London, v. 16, n. 5, p. 805-821, 1995.

WEINSTEIN, D.; WEINSTEIN, M. A. Is postmodern organization theory skeptical? *Journal of Management History*, Bingley, v. 4, n. 4, p. 350-362, 1998.

WILLMOTT, H. Breaking the paradigm mentality. *Organization Studies*, London, v. 14, n. 5, p. 681-719, 1993.

WITTGENSTEIN, L. *Philosophical investigations*. Oxford: MacMilan, 1953. 272 p.

WRAY-BLISS, E. Research subjects/research subjections: exploring the ethics and politics of critical research. *Organization*, London, v. 10, n. 2, p. 307-325, May 2003.

ZANDONADE, V.; BIANCO, M. F. O trabalho abstrato e a noção de competências: discutindo essa inter-relação no contexto do trabalho industrial. *Organizações & Sociedade*, Salvador, v. 21, n. 70, jul./set. 2014.

## Assim falou o objeto: “pra que serve essa pesquisa?”

### Resumo

A partir dos diários de campo produzidos em uma pesquisa de abordagem ergológica, analisei reflexivamente minha vivência, como pesquisador, do dispositivo dinâmico de três polos (DD3P). Identifiquei: seis modos antagônicos pelos quais as disciplinas epistêmica e ergológica atuaram na minha atividade de pesquisa; seis aberturas de espaços de possibilidades *entre* pesquisador e respondentes; seis bifurcações identitárias experimentadas nesses espaços. Exemplifico e faço então as seguintes proposições: disciplinas epistêmica e ergológica podem provocar abertura de espaços de possibilidades *entre* pesquisador e respondentes; o trânsito do pesquisador pelos polos do DD3P pode ocorrer a partir desses espaços; socratismo em duplo sentido pode ser percebido como posicionamentos fluidos em bifurcações identitárias. As principais implicações para pesquisa qualitativa são: em ergologia, precisamos vivenciar para dialogar, e transitar para desestabilizar; em estudos organizacionais, o pesquisador necessita atentar-se para a própria *inatenção*, e investigar a partir de posicionamentos fluidos em bifurcações identitárias.

### Palavras-chave

Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais. Ergologia. Dispositivo Dinâmico de Três Polos. Reflexividade. Identidade.

ASSIM FALOU O *OBJETO*: "PRA QUE SERVE ESSA PESQUISA?"

## Thus spoke the *object*: “what is this research for?”

### Abstract

From field diaries produced in an ergological approach research, I reflexively analyzed how I experienced the Three Poles Dynamic Aparatus. I have identified six antagonistic ways in which epistemic and ergological disciplines worked on my research activity; six openings of spaces for possibilities between researcher and respondents; six identity bifurcations experienced in these spaces. I exemplify and argue that: epistemic and ergological disciplines can open up spaces for possibilities *between* researcher and respondents; researcher's movement through DD3P's poles may occur in these spaces; socratism may be perceived as fluid positionality in identity bifurcations. The main implications for qualitative research are: in ergology, we must to experience for dialogue, and to carry over for destabilize; in organizational studies, researcher must pay attention to its own inattention, and investigate from fluid positionality in identity bifurcations.

### Keywords

Qualitative research in organizational studies. Ergology. Three Poles Dynamic Aparatus. Reflexivity. Identity.



## Así habló el *objeto*: "¿para que sirve esa pesquisa?"

### Resumen

A partir de los diarios de campo producidos en una pesquisa de abordaje ergológica, analicé reflexivamente mi vivencia, como investigador, del dispositivo dinámico de tres polos (DD3P). Identifiqué: seis modos antagónicos por los cuales las disciplinas epistémica y ergológica actuaron en mi actividad de pesquisa; seis aberturas de espacios de posibilidades *entre* investigador e investigados; seis bifurcaciones de identidad experimentadas en esos espacios. Ejemplifico y hago, entonces, las siguientes proposiciones: disciplinas epistémica y ergológica pueden provocar abertura de espacios de posibilidades *entre* investigador e investigados; el tránsito del investigador por los polos do DD3P puede ocurrir a partir de esos espacios; socratismo en doble sentido puede ser notado como posicionamientos fluidos de bifurcaciones identitarias. Las principales implicaciones para la investigación cualitativa son: en ergología, necesitamos vivenciar para dialogar, y transitar para desestabilizar; en los estudios organizacionales, el investigador tiene que prestar atención a su propia inatención, y investigar a partir de los posicionamientos fluidos de bifurcaciones identitarias.

### Palabras-clave

Pesquisa qualitativa en estudios organizacionales. Ergología. Dispositivo de tres polos. Reflexividad. Identidad.

## Autoria

### Edvalter Becker Holz

Doutorando em Administração de Empresas pela Fundação Getulio Vargas. E-mail: [e.becker.holz@gmail.com](mailto:e.becker.holz@gmail.com).

### Endereço para correspondência

Edvalter Becker Holz. Rua Itapeva, 474, 11º andar, Bela Vista, São Paulo, SP, Brasil. CEP: 01332-000. Telefone: (+55 11) 37997980.

### Como citar esta contribuição

HOLZ, E. B. Assim falou o *objeto*: "pra que serve essa pesquisa?". Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 2, n. 5, p. 787-876, dez. 2015.

*Contribuição Submetida em 15 nov. 2015. Aprovada em 26 dez. 2015. Publicada online em 19 jan. 2016. Sistema de avaliação: Double Blind Review. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editores especiais: Admardo Bonifácio Gomes Junior, Fernanda Tarabal Lopes e Ludmila de Vasconcelos Machado Guimarães.*

